

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E
CONTABILIDADE

TEMA: ECONOMIA E FELICIDADE
UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR E
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

ALUNO: JOSÉ MARIA DE MELO JUNIOR

Fortaleza-CE
Julho/2007

**ECONOMIA E FELICIDADE:
UMA ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR E
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.**

JOSÉ MARIA DE MELO JÚNIOR

**Orientador(a): Prof. RAIMUNDO EDUARDO SILVEIRA
FONTENELE**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Econômicas, da Universidade Federal do Ceará Para
obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

**Fortaleza-CE
Julho/2007**

DEDICATÓRIA

A Deus, que me deu vida e inteligência, e que me dá força para continuar a caminhada em busca dos meus objetivos.

A memória de meu Pai José Maria de Melo que sempre foi e será meu grande mestre na vida. Dedico minha história, minhas referências, minhas virtudes e os frutos que ainda colherei de tudo que me foi ensinado por ele.

A minha mãe pelos esforços, orações e sua eterna presença, sempre pronta a acolher-me em todas as horas, com seu olhar atento e cuidadoso.

Aos professores Francisco José da Silva e Almir Bittencourt da Silva por fazerem parte da banca examinadora.

Enfim, dedico a paciência e dedicação do professor Raimundo Eduardo Silveira Fontenele que muito me somou de aprendizado e para a concretização deste material.

E aos demais, que de alguma forma contribuíram na elaboração desta monografia.

*“Os que trabalham para o bem dos outros
encontrarão a felicidade” (Provérbios 12:20, NTHL)*

FOLHA DE APROVAÇÃO

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Economia, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

	<i>Média</i>
_____ José Maria de Melo Júnior	_____
_____ Prof. Raimundo Eduardo Silveira Fontenele <u>Prof. Orientador</u>	Nota -----
_____ Prof. Francisco José da Silva Membro da Banca Examinadora	Nota -----
_____ Prof. Almir Bittencourt da Silva Membro da Banca Examinadora	Nota -----

Monografia aprovada em 05 de Julho de 2007.

RESUMO

O que realiza o homem? O que o faz feliz? Dinheiro traz felicidade? Estas são questões que pairam sobre os seres humanos por toda a sua história neste planeta. Até que ponto o projeto iluminista de felicidade material deu certo? As pessoas estão hoje mais felizes com o aumento da automação, da globalização? A tecnologia que tanto facilita a vida dos que dela usufruem, tornou os indivíduos mais felizes? Todas essas indagações estão à espera de grandes e definitivas respostas. A luz da teoria econômica buscou-se debater e expressar o que as grandes correntes filosóficas pensaram sobre o tema. A felicidade com suas dimensões e interligações com os temas econômicos. Felicidade e renda, desemprego, idade, sexo e estabilidade. Em contraponto vive-se um início de século de transformações que mudaram o eixo das preocupações humanas. A questão ambiental em foco, a geração de energia e questões como a violência e a corrupção são a reflexão final sobre a felicidade dos indivíduos.

APRESENTAÇÃO

A presente monografia é destinada a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará. É fruto de um trabalho de pesquisa para o desenvolvimento do Tema: Economia e Felicidade. Pretende alinhar, estudando a história da evolução das sociedades, debates sobre as interligações entre a Felicidade e os grandes temas econômicos ao longo dos anos. O trabalho trata desde ilustrações sobre a formação do conceito de felicidade ao longo da história, na Grécia, em Roma, na idade Média, com os iluministas, utilitaristas e seu contraponto com os diferentes desafios da economia moderna. Tema tão transversal e paradoxal, a felicidade está nos ciclos de discussão pelo mundo e a cada ano ocupa lugar de destaque, entendendo, que saber sobre a felicidade das pessoas e das nações dá ao administrador público um leque de melhores opções de boa governabilidade. Pesquisas empíricas também começam a tomar forma no Brasil, dando informações e subsídios para que se possa fazer inferências a cerca de comparações entre o nosso país e o resto do mundo no que se refere ao bem estar. Enfim, pretende-se dar suporte teórico ao leitor na reflexão sobre o que faz os homens felizes, seus anseios, e os entraves a felicidade dos seres humanos, sempre numa ótica econômica e social.

SUMÁRIO

Dedicatória.....	i
Epígrafe	ii
Apresentação.....	iii
Resumo	iv
Introdução	01
1. CAPÍTULO I – A FELICIDADE AO LONGO DOS TEMPOS.....	04
1.1 Projeto Iluminista e a Busca da Felicidade	06
1.2 Utilitarismo de Jeremy Bentham	10
2. CAPÍTULO II – DETERMINANTES EMPÍRICOS DA FELICIDADE	15
2.1 Mensuração da felicidade	17
2.2 Renda e Felicidade.....	19
2.3 Desemprego e Felicidade	21
2.4 Felicidade Nacional e seus atributos	23
3. CAPÍTULO III – ECONOMIA, FELICIDADE E MODERNIDADE.....	25
3.1 O aquecimento da Terra e suas Conseqüências para a Economia Mundial.....	28
3.2 A Escassez de água no mundo e os rumos da economia.....	32
3.3 A Problemática da geração de energia e suas fontes alternativas	35
3.4 A Violência civil e a sociedade moderna.....	41
3.5 A Corrupção e a crise nas instituições.....	43
4. Conclusão.....	46
5. Referências Bibliográficas	48

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a relação existente entre felicidade dos indivíduos e desenvolvimento econômico no sentido de identificar os limites da riqueza material para o alcance da felicidade. Neste ínterim, deseja-se demonstrar, pautado na teoria econômica, que estudos desta monta prestam-se a ajudar na formulação de políticas públicas baseadas no bem-estar de suas populações.

Faz-se necessário então vislumbrar uma gama de conceitos e tratar de forma cronológica os acontecimentos históricos para que seja alcançado o objetivo pretendido, ou seja, investigar a felicidade dos seres humanos e sua ligação com os temas econômicos.

A necessidade de trabalhar esse tema parte da premissa de que um estudo deste tipo pode ser útil de diversas maneiras. Agentes públicos podem nortear-se avaliando dados sobre a satisfação dos habitantes de uma cidade e nesse ínterim avançar em políticas sociais efetivas. A realização de pesquisas deste nível pode contribuir para resolução de paradoxos que a teoria econômica convencional tem dificuldades para explicar. Paradoxos como, por exemplo, cita Corbi, 2004, p.01:

Um destes paradoxos mostra [...] em muitos países ocidentais a renda real elevou-se drasticamente a partir da Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo que medidas indicam que o bem-estar subjetivo manteve-se constante ou sofreu até pequenas quedas durante o período.

Inquietação humana desde os primórdios, a felicidade tem escrito durante os anos a sua história como sendo a busca incessante dos seres humanos. Será sorte? Privilégio? Apenas aspectos objetivos como estabilidade financeira, renda abastada, aquisição de bens? ou será parte de um processo apenas subjetivo, aonde entram conceitos morais e religiosos como pregam as grandes correntes religiosas em todas as épocas? Felicidade presente, futura ou após a morte? O presente trabalho tenta delinear bases para discussão sobre um tema controverso que, por vezes é esquecido nos atuais processos mundiais, de globalização, de biotecnologia, de logística, de locomoção rápida. O mundo está cada vez mais ligado e, como paradoxo principal, o homem está a cada dia mais ligado e mais sozinho, a felicidade volta a tona, permeando não somente nossas vidas domésticas, mas os círculos acadêmicos.

É um diálogo que não pretende chegar num fim em si para um assunto tão controverso, porém pode-se chegar a algumas abordagens e pensamentos que permitam avançar no tema. Até que ponto a objetividade do dinheiro e do desenvolvimento econômico podem influenciar no nível de felicidade e bem estar do indivíduo? E de populações inteiras? Será que os avanços na técnica e no desenvolvimento do mundo atual trouxeram mais felicidade para a humanidade? até que ponto o projeto iluminista de felicidade falhou? Que participação na formulação de uma medida do grau de satisfação e felicidade tem cada conceito econômico seja subjetivo ou objetivo (material)? Todos esses pontos são interrogações ponderadas para checagem das hipóteses do trabalho e caminho a ser percorrido na busca por respostas que levam a conclusão.

Que ligação realmente existe entre felicidade, bem-estar e crescimento econômico? há realmente essa ligação tão estreita, como afirmavam os iluministas?

O presente trabalho teve como base teórica a leitura de textos sobre o tema extraídos de diversas fontes, artigos e pequenos ensaios retirados da Internet, assim como livros atuais sendo todos apresentados ao final nas Referências Bibliográficas. Os livros texto de micro e macroeconomia ajudaram a elucidar alguns conceitos e trazer uma clareza maior nas argumentações. Textos como “Felicidade” GIANNETTI (2002), “Economia, Micro e Macro” VASCONCELOS (2001), “Manual de Microeconomia” MARTINS (2000), “Dicionário de Filosofia” ABBAGNANO (1970), artigos acadêmicos como “Determinantes Empíricos da Felicidade no Brasil.” CORBI (2004), dentre outros artigos e textos impressos e em formato digital formam referencial teórico para a pesquisa acadêmica em questão.

É um trabalho de cunho essencialmente teórico. Mesmo tendo a oportunidade de utilizar mais recursos estatísticos escolheu-se reduzi-los ao ponto apenas aonde fortificassem a argumentação sem que os mesmos sejam fontes em si da conclusão final. Como justificativa de tal fato cita-se a possibilidade, com o uso da teoria, de uma argumentação mais solta e livre de entrelaços metodológicos mais apurados o que, qualifica em certa feita o caráter mais “filosófico” da argumentação.

Após leitura e estudo das reflexões teóricas sobre o tema, o trabalho foi feito de forma a estruturar cada capítulo seqüencialmente como uma evolução de temática até o problema central.

No primeiro capítulo busca-se os mais variados conceitos e abordagens para a felicidade como forma de dar subsídios teóricos para a seqüência do trabalho. A pesquisa começa trazendo alguns conceitos de felicidade no contexto de diferentes culturas, ao longo dos anos e da “evolução” do pensamento. Da felicidade iluminista, permeada nas premissas do humanismo e no avanço das ciências, da filosofia e dos mercados, passando pela felicidade neoclássica e dos conceitos microeconômicos de bem-estar até uma abordagem da felicidade em termos teológicos. Kant e sua ética mostram que a felicidade não seria um bem supremo ou um fim último a ser buscado, e Santo Agostinho afirma que a verdade e a felicidade residem em Deus. (DUCLÓS, 2006, p.2)

No segundo capítulo baseando-se na abordagem do capítulo introdutório, apresenta-se um conceito amplo de felicidade e seu paralelo com o bem-estar, realização e com a economia. Desdobrado em vários tópicos tem essa parte o objetivo de buscar respostas na teoria para o objetivo central do trabalho. Deseja-se saber que ligação há entre o crescimento econômico e a felicidade humana. É a parte do texto onde se mostra dados estatísticos extraídos de várias fontes, que servem como base empírica.

O capítulo terceiro tem como título “Economia, Felicidade e modernidade” procura mostrar até que ponto os problemas e desafios do mundo moderno permitem ao ser humano encontrar a felicidade. Nesta parte encontram-se os entraves a felicidade dos seres humanos. Situações como o Aquecimento da Terra, o desafio das novas formas de geração de energia, a violência, a globalização, a corrupção, são entraves ao bem-estar das nações. Até que ponto deve-se atacar o problema e que política se deve utilizar, assim como elucidar o que se está fazendo de concreto para a solução dessas questões. A Felicidade é o ponto aonde se deseja chegar com políticas públicas. Destarte, nada mais racional que os agentes busquem respostas nos anseios dos indivíduos para nortear suas políticas efetivas.

1. A FELICIDADE AO LONGO DOS TEMPOS

Para que se chegue ao objetivo de traçar um paralelo entre renda e felicidade, necessita-se conceituar felicidade e situá-la no tempo e espaço. As informações desta seção são um apanhado teórico que estuda a evolução do pensamento durante os séculos e a formação do conceito de utilidade. A relação que se pretende chegar é pensada graças a evolução da idéia de que a felicidade é alcançada através da melhoria das condições de vida dos indivíduos. Necessita-se encontrar uma motivação, uma razão para que o pensamento tenha evoluído neste sentido, e para tal intuito deve-se observar a evolução das teorias filosóficas acerca do tema.

Felicidade, segundo Aurélio Século XXI, é: “Qualidade ou estado de Feliz, Ventura, contentamento; bom êxito, êxito, sucesso; Boa fortuna, dita, sorte.” Iniciando a investigação pelo final podemos ter uma idéia da evolução desse termo.

Felicidade – do latim *felicitas* que vem de Felix, ditoso, afortunado, feliz. Num sentido amplo é a ausência de todo o mal, e, vivência plena do bem. Em geral, um estado de satisfação devido à própria situação do mundo. Por essa relação com a situação, a noção de felicidade difere da de beatitude a qual é o ideal de uma satisfação independente da relação do homem com o mundo e por isso limitada à esfera contemplativa ou religiosa. O conceito de felicidade é humano e mundano. (ABBAGNANO, 1970)

De acordo com a mitologia romana a felicidade é a “Divindade alegórica dos romanos, representada na figura de uma rainha em seu trono, tendo um caduceu em uma das mãos e a cornucópia da abundância na outra.” (Dicionário de Mitologia Romana, 2007) Também segundo a mitologia de Roma fortuna era “A deusa Fortuna, considerada por alguns como a filha ou a ama de Júpiter é, para os Romanos, a encarnação do destino.” (Dicionário de Mitologia Romana, 2007) Como se pode destacar da definição mitológica do termo, felicidade sempre esteve intimamente ligada a expressões e sensações como “abundância”, “fortuna”, “contentamento”, o que leva a crer na idéia de felicidade material como sendo a grande busca íntima e incessante dos homens. Porém, existem várias correntes que não vêm desta forma, como é o caso das correntes filosóficas religiosas como Santo Agostinho:

Para um cristão, porém, a felicidade é um dom de Deus. Não obstante, o homem deve procurá-la através da purificação da alma. Para purificar a alma o homem tem de reconhecer a condição miserável da humanidade após o pecado original, e tem de ter a humildade de reconhecer a felicidade como alheia a si. O homem tem de se tornar digno de receber a graça. (DUCLÓS, 2006, p.2)

Nesse ínterim, Agostinho destoa de mais três correntes filosóficas quanto a concepção de felicidade. Os Aristotélicos tomam a felicidade como uma atividade da alma em consonância com a virtude. Os Estóicos tomam-na como um vigor da alma e os Epicuristas como a vontade do corpo. (DUCLÓS, 2006, p.2)

Pode-se fazer uma linha através da evolução do pensamento e das filosofias onde podem ser encontradas concepções sobre a felicidade, pois na verdade “A ausência de todo o mal e fruição de todo o bem é a aspiração que todo ser humano procura através de seus esforços e trabalhos.” (Gregório, 2006 p.1) É nesse sentido que se situa a felicidade no tempo e sua busca como instrumento da realização paradoxal da natureza humana.

Para Sócrates o conhecimento de si mesmo é a chave para a felicidade. Para Platão a noção de felicidade é relativa à situação do homem no mundo, e aos deveres que aqui lhe cabem. Como citado acima, para o pensamento de Aristóteles, a felicidade é mais acessível ao sábio que mais facilmente basta a si mesmo, mas é aquilo que, na realidade, devem tender todos os homens da cidade. (GREGÓRIO, 2006 p.02)

No contexto bíblico do Velho Testamento, a felicidade está na satisfação das necessidades mais básicas do ser como se alimentar, beber, viver em família e o temor de Iahewh, que seria a atitude religiosa do homem em si. No contexto do Novo Testamento a felicidade estaria nas “Bem-aventuranças” prometidas por Jesus. “Essa vida de virtudes e de dons é o começo da vida eterna, do Paraíso, já presentes na alma em estado de graça. A Vida Eterna também é chamada de Beatitude, que significa felicidade.”.(Catecismo Católico, 1999) As Bem-Aventuranças estão no Capítulo 5 do Evangelho de Mateus que diz:

Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o Reino dos Céus.
 Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra.
 Bem-aventurados os que choram porque serão consolados.
 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados.
 Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia.
 Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus.
 Bem-aventurados os pacíficos porque serão chamados filhos de Deus.
 (CAPELA.ORG, 2006)

Fica então claro que para a concepção religiosa a felicidade é algo que só é alcançado na sua essência após a morte, sendo que, segundo os Cristãos, na dimensão do Novo Testamento, ao praticar as Bem-Aventuranças, o ser humano pode participar dessa felicidade, mesmo que incompleta ainda neste mundo. “Felizes, aqueles que viverem as bem-aventuranças que ele descreve, pois elas são atos que podemos fazer, atos de grande perfeição, que já nos faz participar da felicidade do céu.” (CATECISMO CATÓLICO, 1999)

A seguir um pequeno cronograma mostra a evolução temporal do pensamento filosófico sobre a felicidade:

Plotino (204-270) afirma que a felicidade do sábio não pode ser destruída nem pelas circunstâncias adversas nem pelas favoráveis. Santo Agostinho (354-430) entende a felicidade como o fim da sabedoria, a posse do verdadeiro absoluto, isto é, de Deus. Tomás de Aquino (1225-1274), na Suma Teológica, utilizou a palavra "*beatitudo*" como equivalente à "*felicidade*" e a definiu como "um bem perfeito de natureza intelectual". Kant (1724-1804) julga que a felicidade faz parte do bem supremo o qual é para o homem a síntese de virtude e felicidade. Bentham (1748-1832) e Stuart Mill (1773-1836) retomaram como fundamento de moral a fórmula de Beccaria: "A maior felicidade possível, no maior número de pessoas". (ABBAGNANO, 1970)

Então, para Santo Agostinho, de alguma forma a Felicidade também habita na memória. O homem antes do pecado original era essencialmente feliz e ainda há resquícios dessa felicidade. “A vida Feliz só pode ser alcançada quando se busca a Deus, é voltando a Ele que o homem atinge a verdadeira felicidade, e seu ser se completa.” (DUCLÓS, 2006 p.4)

1.1 O PROJETO ILUMINISTA E A BUSCA DA FELICIDADE

“O grande divisor de águas no tocante a noção de progresso civilizatório e do seu impacto sobre a felicidade humana foi o iluminismo europeu do século XVIII – a “era da razão” baseada na fé sobre o poder da própria razão.” (GIANNETTI, 2002. p.21)

De uma forma proposital e como forma de aproximação do tema econômico com a busca da felicidade é citada a escola iluminista, que influenciou a evolução do pensamento moderno acerca da felicidade. “Conquistas objetivas, colheita subjetiva”. (GIANNETTI, 2002. p.23)

Foi durante este período que a humanidade observou a mais importante onda de otimismo quanto ao futuro da civilização. A era da razão, da ciência, da precisão, da confiança no homem pelo futuro do homem. Para os iluministas existia a crença já previamente estabelecida de uma harmonia entre progresso civilizatório e aumento da felicidade infalível, algo realmente como uma equação que pode ser testada e provada matematicamente.

Para entender bem o que veio a ser o projeto iluminista, situa-se na história do século XVIII, onde a ruptura em todos os aspectos trouxe ao mundo olhos de um verdadeiro renascimento cultural, industrial e científico. Este período foi dominado por uma onda de intelectualidade, uma revolução do pensamento. “Na aurora do pensamento moderno, sob o efeito inebriante da “tripla revolução” (científica, industrial e francesa), a crença no progresso foi aos céus.” (GIANNETTI, 2002. p.23)

O pensamento dos iluministas estava pautado na idéia de que, sendo o homem produto do meio e esse ambiente sendo cada vez transformado para melhor pela ação dos próprios homens, poder-se-ia prever que na medida em que o mundo progredisse os homens ampliariam seus horizontes como produtores de bens e também senhores da sua capacidade de moldar a realidade de acordo com os ditames da razão. Toda uma ordem logicamente e previamente estabelecida conspirava para que o processo civilizatório corresse calmamente e inevitavelmente para a realização e o bem-estar da humanidade.

Segundo Giannetti (2002), o pensamento deste período estava baseado em “vetores de mudança” que se aliavam e reforçavam-se mutuamente em premissas tais como:

- O avanço do saber científico.
- O domínio crescente da natureza pela tecnologia.
- O aumento exponencial da produtividade e da riqueza material.
- A emancipação das mentes após séculos e opressão religiosa, superstição e servilismo.
- A transformação de instituições políticas em bases nacionais.
- O aprimoramento intelectual e moral dos homens por meio da ação conjunta da educação e das leis.

Duas afirmações mostram claramente o caráter otimista que a “era da razão” traz. A primeira delas é:

A Meteorologia usa o barômetro para medir a pressão da atmosfera e prever as mudanças do clima. Se a história das idéias possuísse um instrumento análogo, capaz de fazer leituras barométricas dos climas de opinião em determinados períodos e de registrar as variações de expectativa em relação ao futuro em diferentes épocas, então haveria pouca margem para dúvida de que o século XVIII deslocaria o ponteiro da confiança no progresso e no aumento da felicidade humana ao longo do tempo até o ponto mais extremo de que se tem notícia nos anais da história intelectual.
(GIANNETTI, 2002.p.23)

A segunda afirmação é do filósofo e químico inglês Joseph Priestley, co-descobridor do oxigênio e grande inspirador do que mais tarde se tornaria, com Jeremy Bentham e seus seguidores, a grande bandeira do programa de reformas do utilitarismo clássico:

[Na vida em sociedade] são requeridos não mais do que alguns poucos anos para se assimilar todo o progresso anterior de qualquer arte ou ciência; no restante de sua vida, na fase em que as suas faculdades estão mais perfeitas, um homem pode se dedicar à expansão do saber. Mas se desse modo alguma arte ou ciência vier a se tornar ampla em demasia para a sua fácil assimilação [...] uma subdivisão vantajosa poderá ser feita. Assim, todo o saber será subdividido e ampliado; e o saber, como observa Lord Bacon, sendo poder, os poderes humanos irão, de fato, se expandir. A natureza, incluindo tanto os seus materiais como as suas leis, estará mais sob o nosso comando e os homens tornarão a sua condição enormemente mais tranqüila e confortável; eles irão provavelmente prolongar a sua existência nele e tornar-se-ão dia após dia mais felizes, (e, creio eu, mais dispostos) a transmitir felicidade aos demais. Dessa forma, seja qual tenha sido o princípio deste mundo, o final será glorioso e paradisíaco, além de tudo o que nossa imaginação possa no presente conceber. (GIANNETTI, 2002.p, 25)

O que se entende como projeto iluminista mais parecia uma busca do homem em fazer o que estava ao seu alcance para que fosse conseguida a realização de sua espécie.

O homem pode e tem condições materiais e objetivas de transformar a natureza de modo a dinamizar os processos, de trazer mudanças nos sistemas, de trazer desenvolvimento e soluções para todas as necessidades materiais. Sendo este o campo palpável de atuação do projeto iluminista. A era da razão tinha o propósito de trazer com o desenvolvimento matéria e intelectual a felicidade subjetiva tão almejada pelo homem.

A escola iluminista, que influenciou diretamente a Revolução Americana de 1776, festejava a vitória de suas idéias ante ao que fora denominado de partidários da superstição e do obscurantismo. A ênfase dada a educação como fonte de liberdade dos indivíduos e

conseqüentemente das nações poria fim a prisão do legado medieval, da era da infelicidade e do culto ao sacrifício religioso.

[...] Esteja certo que tão logo as pessoas de bem se unam, nada mais poderá detê-las. É do interesse do rei, e do Estado, que os filósofos governem a sociedade... Chegou o tempo em que homens como você devem triunfar [...] Afinal, nosso partido já vence o deles em matéria de boa educação." - (TERRA apud Carta a Helvitus, em 15.9.1763)

O trecho acima reflete a vontade de tornar o projeto iluminista uma verdadeira revolução, algo que transformaria o pensamento global de uma forma sem precedentes e que, através da difusão da cultura, a razão triunfaria sobre a escuridão da ignorância. “Como afirmava o filósofo político inglês William Godwin, pai da futura autora de “Frankenstein” (1818) [...], quanto mais os homens se erguerem acima da linha da pobreza e de uma vida de expedientes, mais a decência prevalecerá em sua conduta e a sobriedade nos seus sentimentos.” (Giannetti, 2002.p, 27) Essa eterna crença dos iluministas na posteridade era parte do projeto das idéias que faziam surgir a aurora de um novo tempo na história da humanidade. O tempo da ciência, da filosofia e do ideal de libertação de todos os anos escuros vividos pelas cabeças pensantes da história das idéias. Diderot, outro expoente iluminista e principal artífice da monumental “Encyclopédie” (1751-73), afirma que “A posteridade está para o filósofo assim como o outro mundo está para o religioso.” (GIANNETTI, 2002, p.27)

A difusão do pensamento iluminista influenciou toda a corrente seguinte de pensadores, economistas, filósofos e tomadores de decisão. Essa influência foi tal que o projeto iluminista foi tido como alternativa primeira da razão capitalista desde então. “O enredo é familiar: a estrada da razão e da virtude leva ao regaço da felicidade.” (GIANNETTI, 2002.p, 26)

O que certamente é inegável seria o fato de que os avanços obtidos em campos como a ciência, a tecnologia e da produtividade trouxeram benefícios inúmeros em saúde, renda e condições de trabalho. O desenvolvimento econômico dos países avançados rompeu barreiras em todos os sentidos. A medicina avançou a patamares nunca imaginados num passado recente. O desenvolvimento dos mercados, da educação, da biotecnologia rompeu barreiras, facilitando a vida de muitos e satisfazendo a muitas das necessidades mais latentes do ser humano.

A análise sobre a felicidade vem trazendo não só a influencia iluminista, da idéia de felicidade material e bem-estar como ponto principal da felicidade geral. Traz consigo a união e as evidências de toda uma era de história mostrada pela literatura e pensada ao longo dos dias. Qual êxito ouve realmente no cerne da idéia iluminista? O excesso de euforia gerado na era da razão foi apenas um impulso solitário na busca pela realização plena dos seres? Ou realmente sua tese teve, no utilitarismo de Jeremy Bentham e afins da economia mundial, o suporte necessário para trazer a realização, ou pelo menos a continuação dessa busca por “progresso” gerando assim o bem-estar tão almejado?

[Na vida em sociedade] são requeridos não mais do que alguns poucos anos para se assimilar todo o progresso anterior de qualquer arte ou ciência; no restante de sua vida, na fase em que as suas faculdades estão mais perfeitas, um homem pode se dedicar a expansão do saber. Mas se desse modo alguma arte ou ciência vier a se tornar ampla em demasia para a sua fácil assimilação [...] uma subdivisão vantajosa poderá ser feita. Assim, todo o saber será subdividido e ampliado; e o saber, como observa Lord Bacon, sendo poder, os poderes humanos irão, de fato, se expandir. A natureza, incluindo tanto os seus materiais como as suas leis, estará mais sob o nosso comando e os homens tornarão a sua condição neste mundo enormemente mais tranqüila e confortável; eles irão provavelmente prolongar a sua existência nele e tornar-se-ão dia após dia mais felizes, cada um em si mesmo, e também mais aptos (e, creio eu, mais dispostos) a transmitir felicidade aos demais. Dessa forma, seja qual tenha sido o principio deste mundo, o final será glorioso e paradisíaco, além de tudo o que a nossa imaginação possa no presente conceber. (GIANNETTI apud Priestley, 2002)

1.2 O UTILITARISMO DE JEREMY BENTHAM E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE FELICIDADE

“A melhor ação é a que busca a maior felicidade para o maior número de indivíduos”. (COBRA, 2001)

Nas linhas do otimismo iluminista, crente na perfectibilidade humana e num elo que une o progresso com a felicidade, aparece o princípio utilitarista da “máxima felicidade do maior número”, que é trabalhado como condição para o avanço no discurso do trabalho para uma amostra de como foi a evolução do pensamento sobre a felicidade e o bem-estar e sua relação com os conceitos econômicos.

Analisando a contribuição dos Utilitaristas, vê-se que muito da cultura e do sistema social presente é fruto de uma evolução de filosofias ao longo do tempo. Dos primórdios do pensamento utilitarista, pode-se, observar Francis Hutcheson, com sua teoria do “sentido

interior da moralidade” (“moral sense”), onde cunhou a frase “a melhor ação é a que busca a maior felicidade para o maior número de indivíduos.” (COBRA, 2001)

Oriundo das escolas teológicas, John Gay, juntou contribuições para a formação da escola utilitarista, filósofo e estudioso da bíblia, argumentava ser a vontade de Deus o único critério de virtude, porém, pela bondade divina, podia-se concluir que Deus desejava que o homem promovesse a felicidade de sua espécie. (COBRA, 2001)

Os maiores expoentes da escola Utilitarista são Jeremy Bentham e John Stuart Mill, entre o século XVIII e XIX. Tem como ética normativa que uma ação é moralmente correta se tende a promover a felicidade e condenável se tende a produzir infelicidade, considerando não apenas a felicidade do agente, mas, também a de todos os afetados por ela. (COBRA, 2001)

Nascido de um pensador, economista e legislador inglês, formado em Direito pela Lincoln's Inn em 1767, Jeremy Bentham, também criador e pai do utilitarismo filosófico, publica em 1789 seu principal livro sobre moral, Uma Investigação aos Princípios da Moral e da Legislação, onde enfatiza o princípio da utilidade. (BARBOSA, 2005)

A obra de Bentham *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* (“Uma introdução aos princípios da moral e legislação”) de 1789, é considerada introdução ao que é hoje o Código Penal. A regra de se buscar a Felicidade, no sentido de maximização e englobando a todos (Felicidade para o maior numero de pessoas possível), segundo Bentham era primordial na arte de legislar, nesse caso o legislador, ao exercer sua função, “buscaria maximizar a Felicidade da comunidade inteira criando uma identidade de interesses entre cada individuo e seus companheiros. Aplicando penas por atos mal intencionados, o legislador faria prejudicial para um homem causar dano ao seu vizinho.” (COBRA, 2001)

Bentham traz a idéia de que a sociedade possui dois estados, e que os indivíduos dependem destes “senhores soberanos” para medir todo seu comportamento ao longo de sua trajetória. A dor e o Prazer são o paradoxo da existência humana, estas duas forças formam a contradição que impulsiona os seres, pensamento este que influenciou assim toda a teoria posterior do estudo dos mercados. (BARBOSA, 2005)

Prazer na acepção de Kant é o “sentimento desinteressado de satisfação diante da beleza, seja natural ou artística”. Para Platão, dor, seria uma “experiência do corpo e da alma”. Já Aristóteles, considerava a dor e o prazer como “estados da alma”. Enfim, para compreender, basta de sutileza e metafísica: dor é dor, prazer é prazer. (BARBOSA, 2005)

E sabe-se, pois, que hoje muito das ações dos indivíduos é explicada pela teoria microeconômica com o princípio da utilidade, os agentes agem no sentido de adiar um prazer menor em decorrência da possibilidade de um maior prazer no futuro, como é o caso do trabalho em detrimento do lazer, ou dos estudos em detrimento de momentos em família.

Age-se na perspectiva de maximização do prazer e minimização da dor. E assim, os estudos de Bentham e sua teoria utilitarista tornam-se um marco de muitos estudos, em Direito, Micro e Macroeconomia, Administração e outros ramos de negócios.

Mais tarde, o pensamento de Bentham foi absorvido pelos jovens economistas utilitaristas intelectuais como David Ricardo, James Mill e, logo John Stuart Mill, filho de James Mill que outrora veio a defender o voto feminino, a educação paga pelo estado para todos dentre outras propostas radicais para sua época. Outras propostas oriundas do pensamento utilitarista são: A liberdade de expressão e a não interferência do governo quando o comportamento individual não afetasse as outras pessoas. (COBRA, 2001)

Outra corrente de pensamento que não se pode esquecer ou negligenciar são os Estatolatrás (comunistas, socialistas, fascistas), que segundo Gregório (2006) “colocam a felicidade na classe ou no Estado, ou na prosperidade econômica. Karl Marx, filósofo materialista, afirma que a felicidade do ser humano está presa aos proventos materiais advindos do trabalho.” Neste caso, o termo felicidade vai sendo colocado paralelo ao bem-estar, como que voltando no tempo e nos primórdios da filosofia romana, onde advém a felicidade como uma divindade relacionada a abundância.

Com o passar dos anos a economia passa a ser denominada como a “ciência que estuda como resolver o fato de as necessidades dos seres humanos serem ilimitadas e os bens materiais para satisfazê-las, escassos”. Vasconcelos (2001) Essa denominação caracteriza a chamada escola clássica, sua teoria parte do princípio de que os seres humanos buscam o

“máximo prazer”, sendo assim, a “mão invisível” de Adam Smith faz com que a busca individual e egoísta do prazer individual redunde num benefício social.

Da união da economia clássica e do utilitarismo de Bentham encontram-se os neoclássicos e sua teoria do bem-estar, campos teóricos da Microeconomia, e torna o princípio da utilidade como uma forma de quantificar o bem estar, aproximando cada vez mais felicidade de bem estar material.

Desde os primórdios, existe uma tendência de aproximação da noção de felicidade com o bem-estar. Facilmente encontram-se nas prateleiras das bibliotecas, livros da literatura intitulada de Auto-Ajuda, onde aparece a tríade saúde, dinheiro e amor como sendo os pressupostos para uma vida feliz e realizada. Dedutivamente pode-se imaginar essa tríade como sendo a fórmula para se encontrar a tão buscada felicidade, sendo esta, resultado da evolução/união das concepções de felicidade através dos tempos. Portanto, ao procurar na Internet em qualquer mecanismo de busca por palavra chave existente a disposição, ao buscar-se a palavra bem-estar certamente encontra-se conteúdo sobre saúde o bastante para que se convença do resultado da investigação.

O que se pode deixar claro é a valia desses estudos, pois, a economia é o próprio retrato da realidade de uma sociedade, e que para uma intervenção estatal válida e correta se faz necessário levar em consideração fatores que formam o conceito de felicidade como uma equação que leva a uma “boa” governabilidade e realização dos desejos coletivos.

Observa-se então a latência do tema para a ciência econômica. De acordo com Vasconcellos (2001), etimologicamente “A palavra economia vem do grego oikos (casa) e nomos (norma, lei). Seria, “administração da casa”, que pode ser generalizada como “administração da coisa pública”.” Ainda segundo a idéia de economia como sendo a administração do coletivo, entende-se ser a mesma uma ciência social já que trata de necessidades humanas e coletivas, porém em sua cerne está a questão da escassez como o foco do estudo.

Economia pode ser definida como a ciência social que estuda como o indivíduo e a sociedade decidem utilizar recursos produtivos escassos, na produção de bens e serviços, de modo a distribuí-los entre as várias pessoas e grupos da sociedade, com a finalidade de satisfazer as necessidades humanas. (VASCONCELLOS, 2001, p.21)

Daí a necessidade de se obter mecanismos de realocação das variáveis para o conjunto da sociedade utilizando o estudo de vários ramos unidos para se chegar ao objetivo econômico. Vislumbrar uma melhor distribuição dos recursos disponíveis é tarefa perpetua do homem público e de todos os ramos de estudos do social.

O estudo sobre a realização do ser, sobre o que realmente traz bem-estar para os indivíduos é o ramo que trará em breve o maior suporte para que se governe com ênfase, ao verdadeiro papel do estado como divisor de benefícios aos habitantes de uma nação. Mais do que nunca estudos empíricos baseados na realização humana estão se tornando de grande valia, com a criação de núcleos como o “Núcleo de Pesquisa sobre Governança Global” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que dará ainda mais suporte a estudos realmente voltados a analisar o grau de realização dos povos e o que se pode fazer para que o bem-estar tenha uma evolução numa esfera próxima ao crescimento e desenvolvimento econômico mundiais.

2. DETERMINANTES EMPÍRICOS DA FELICIDADE: REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo a análise partirá de uma revisão de literatura recente baseada em estudos como “Determinantes empíricos da felicidade no Brasil” da Universidade de São Paulo, “Economics and Happiness” de Luigi Pasinetti da Università Cattolica S.C., Milano, e What can Economists learn from Happiness Research? de Bruno S. Frey and Alois Stutzer do Journal of Economic Literature, onde, procurar-se-á traçar paralelos entre felicidade material e realização subjetiva do homem. Até que ponto se pode mensurar a felicidade, partindo da evolução de seu conceito? O trabalho surpreende quando mensura o quanto as variáveis econômicas influenciam no nível de bem-estar da população e como os micro dados do *World Values Survey* podem informar sobre como anda o nível de felicidade tanto de uma forma micro (das pessoas individualmente), quanto na comparação entre nações. Variáveis como desemprego, idade, sexo, educação, estado civil são confrontadas trazendo surpresas e nesse confronto empírico de correlações revela-se uma das novas formas de análise e atuação da ciência econômica no auxílio aos governantes e tomadores de decisão.

Este capítulo está estruturado de forma a gradativamente ir avançando na investigação sobre o impacto que fatores econômicos tem no nível de bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Inicia-se com a problemática básica encontrada quando se pensa em mensurar a felicidade, parte também daí o suporte metodológico do trabalho em si para que os resultados alcançados sejam confiáveis, pois trata-se de uma análise para benefício de políticas públicas e de um debate que hoje é centro para decisões em varias esferas. Trata-se do impacto da variável renda sobre o nível de bem estar geral do individuo. Baseado no estudo em questão tenta-se responder a pergunta: “Dinheiro traz felicidade?”. A seguir uma parte significativa do estudo trata da questão do desemprego como fator extremamente determinante no nível de felicidade dos indivíduos, funcionando o mesmo como uma certa medida de grau de realização subjetiva.

Esta parte do trabalho será utilizada para visualizar na literatura recente o que tem sido publicado acerca do tema. São trabalhos empíricos e teóricos nos principais veículos de comunicação. Até bem pouco tempo trabalhos nesse campo estavam restritos a estudos no

exterior e apenas em âmbito estritamente acadêmico, porém, o tema vem crescendo em popularidade trazendo consigo uma gama de bons trabalhos.

Um dos trabalhos mais relevantes sobre o tema no país foi desenvolvido pelo Professor Eduardo Giannetti do IBMEC de São Paulo. A obra “Felicidade” (2002) traz um esboço filosófico essencial na discussão do assunto. Nesta obra encontra-se um estudo pormenorizado filosófico e categórico sobre o tema. “As questões da filosofia estão sempre voltando ao ponto de partida. Elas nunca se rendem, elas jamais se esgotam; só o que acaba é o nosso fôlego e a nossa capacidade de enfrentá-las.” (GIANNETTI, 2002, p.227)

A maneira como se enxerga os eventos naturais e subjetivos depende muito do ponto de vista de cada pessoa. Discutir felicidade significa, para GIANNETTI (2002, p.227) “discutir sobre o que é importante na vida.” Sendo assim, trabalhar o tema em questão significa estar no caminho da evolução, pois se começa a ponderar sobre o que realmente importa. Que tipo de realização é importante, e como ela pode ser alcançada.

Todas essas indagações sem uma resposta objetiva não são em vão, pois, no processo de evolução do pensamento é necessário questionar. Na ciência busca-se, pela razão a explicação dos fenômenos naturais. Necessita-se localizar o hiato existente entre o individual e o coletivo na busca de realização, da melhor vida ao alcance de todos.

Se por um lado o projeto iluminista trouxe a base teórica e cultural para que a humanidade saísse da escuridão do absolutismo, o Utilitarismo deixou mais claro para a sociedade o que o iluminismo propunha. A sociedade do consumo começa a existir e tomar forma a partir do pensamento utilitarista.

Partindo do pressuposto da felicidade material como fonte de utilidade subjetiva é que os muitos estudos estão sendo realizados, basicamente numa busca de explicar o impacto de importantes variáveis econômicas na determinação do bem-estar dos indivíduos.

Os estudos buscam geralmente identificar os impactos da renda sobre a felicidade das pessoas. O projeto iluminista estaria certo ao pleitear a realização material e a sociedade do consumo como que a mesma servisse de ponte para a realização subjetiva do ser humano?

A utilização de dados da *World Value Survey* (Pesquisa Mundial de Valores) por pesquisadores da Universidade de São Paulo, a saber: Raphael Bottura Corbi e Naércio Aquino Menezes-Filho, nos deixou próximos de importantes constatações empíricas, trazendo a cabo resultados que examinam a questão do papel de variáveis econômicas na determinação do nível de bem-estar, lembrando que nesse caso a felicidade declarada é utilizada como uma aproximação do nível do bem-estar individual.

2.1 MENSURAÇÃO DA FELICIDADE

Importante para o desenrolar da pesquisa é entender o processo de mensuração da felicidade, complexo por natureza. Porém, no trabalho “Determinantes Empíricos da Felicidade no Brasil” Corbi (2004) usou a *World Value Survey* (Pesquisa Mundial de Valores) para, através de questionamentos diretos as pessoas, buscar saber o que elas estão achando da vida que estão levando.

Como que fazendo um paralelo com o capítulo primeiro, quando se tratou do tema da evolução do conceito de felicidade ao longo do tempo, tenta-se mensurar a felicidade global da vida do indivíduo de uma forma que leve em consideração as duas faces do conceito. “Partimos do princípio que o bem-estar humano é composto por duas dimensões básicas: a objetiva e a subjetiva.” (CORBI, 2004, p.02)

A dimensão objetiva é a parte material. É o que é palpável aos olhos e o que pode ser apurado publicamente, observado e medido. Refere-se normalmente as condições de vida como nutrição, moradia, saúde, criminalidade, etc.

No que diz respeito a dimensão subjetiva do bem-estar Corbi (2004, p.02) apud Giannetti (2002) nos diz: “A dimensão subjetiva consiste na experiência interna de cada indivíduo, isto é, tudo aquilo que passa em sua mente de forma espontânea, que ele sente e pensa sobre a vida que tem levado.”

O que se pode notar nitidamente sempre que se faz o paralelo entre as dimensões do conceito de felicidade é a dependência entre as vertentes.

[] ... a partir de situações extremas: se o lado objetivo do bem estar não preencher requisitos mínimos (alimentação, moradia, saúde, etc), não há mais bem estar possível. Por outro lado o inverso também é verdadeiro. Para

alguém terrivelmente deprimido, mesmo cercado de luxo e conforto, o viver torna-se um grande desgosto. “Não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.” (CORBI, 2004, p.02)

Pode-se então supor que a felicidade seja um ponto de interseção entre as duas dimensões, subjetiva e objetiva. “Ser feliz é achar a distância certa entre o que se tem e o que se quer ter.” (KANITZ, 2007)

O avanço no campo de mensuração da felicidade iniciou-se a partir dos anos sessenta e desde então traz dificuldades metodológicas, pois, é sabido que não se pode medir a felicidade da mesma maneira que se mensuram conceitos mais palpáveis como peso ou altura dos indivíduos. Porém, as pesquisas de opinião são de grande importância, um ponto de chegada para que a clareza científica traga mecanismos de aproximação econômica para o entendimento de como se pode determinar o bem-estar subjetivo dos indivíduos.

Ainda no campo metodológico críticas aparecem ao mecanismo de mensuração da felicidade no que concerne principalmente a questão da comparabilidade do nível de bem-estar entre as pessoas. Nesse campo a controvérsia gira sobre a idéia de que cada pessoa, ao ser perguntada sobre seu nível de bem-estar, poderia, estar fazendo uso de uma concepção particular do que seria felicidade para a mesma, o que tornaria a comparação interpessoal inviável. (Corbi, 2004) Mas o que se define como contradição pode aparecer, levando em consideração que a essência das respostas sobre o tema navega em torno de um denominador comum, a saber, sempre sobre temas como a vida em família, a saúde, a situação financeira e emprego. O que leva a crer que mesmo que a comparação entre os indivíduos não seja possível, pode-se acreditar que grupos de pessoas podem ser estudados e comparados sem prejuízo metodológico, sendo grupos específicos como classes sociais. (CORBI, 2004)

Como forma de ilustrar as várias maneiras encontradas para mensuração da felicidade dos indivíduos nos últimos tempos cita-se, o chamado, “Índice de Felicidade” que promete ser mais um bom indicador de bem-estar das populações, uma alternativa ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que foi criado no início da década de noventa para o PNUD (Programa das nações Unidas para o Desenvolvimento). Entende-se ser o IDH “um marco significativo na afirmação de que a condição humana tem dimensões fundamentais que não se restringem aos aspectos da riqueza material e do consumo.” (PRESCIVALLE, 2005) O IDH é um índice que possui a sua dimensão renda, que baseia-se no PIB per capita, a dimensão de

longevidade, medida pela esperança de vida ao nascer, e a dimensão educação, medida por uma combinação da taxa de alfabetização de adultos e da taxa combinada de matrícula nos diferentes níveis de ensino.

Como que uma evolução natural para o IDH, o psicólogo e Prêmio Nobel de Economia em 2002, Daniel Kahneman e seu grupo de trabalho buscam uma nova metodologia para medir a satisfação das pessoas com suas próprias vidas. “Medidas de riqueza ou saúde não contam toda a história sobre como uma sociedade como um todo está vivendo. Uma medida que mostre como as pessoas gastam seu tempo livre e como elas avaliam suas experiências pode ser um indicador muito útil de bem-estar.” (PRESCIVALLE, 2005)

A utilidade de um estudo dessa magnitude é óbvia para o estudo da economia, suas bases estão na idéia da ligação entre riqueza e felicidade como um novo ramo de estudo, onde, de posse de índices mais precisos de satisfação e bem-estar possam os governos desenhar políticas públicas e avaliar suas gestões.

A economia lida com a escassez de recursos e estuda as formas de alocação ótimas desses recursos dentre os habitantes de uma sociedade. A evolução do estudo da ciência econômica passa pela questão da satisfação e bem-estar dos indivíduos. Sua complexidade, como evolução do pensamento, está na condição de que o bem-estar e a felicidade são aspectos subjetivos do pensamento humano (e até onde se sabe são conceitos extremamente relativos), e a satisfação dessas necessidades pelos governos e pelas políticas que estão ao alcance do homem são aspectos objetivos, materiais.

2.2 RENDA E FELICIDADE.

Chega-se agora a fonte de todo o estudo sobre felicidade no âmbito da ciência econômica. “Esta relação entre renda e felicidade num ponto específico no tempo e no espaço tem sido objeto de estudo de uma vasta agenda de pesquisa e uma grande literatura empírica já está disponível para análise.” (CORBI, 2004, p.03)

De uma forma dedutiva a idéia é que pessoas que dispõem de níveis mais elevados de renda, em geral, possuem maiores oportunidades de alcançar o que desejam. Nesse sentido, os

mais abastados, podem comprar mais bens materiais e serviços, podendo assim proporcionar a seus entes uma maior utilidade, dessa forma, os mais pobres poderão ser, fatalmente, mais infelizes. Fica claro que quando se leva em consideração a idéia de felicidade iluminista e utilitarista, pois é o que se tem culturalmente aceitado durante a evolução dos tempos, a renda pode realmente ser tida como pressuposto indispensável para o bem-estar.

O que se pode concluir baseado na literatura é que “o resultado mais robusto e geral é que as pessoas mais ricas, na média, tendem a se considerarem mais felizes, ou seja, com maior grau de bem estar subjetivo. Sendo assim, o dinheiro realmente traz felicidade.” (Corbi, 2004, p.03) De acordo com o mesmo estudo, levando a relação entre renda e felicidade no âmbito de regressões simples como em regressões múltiplas, o resultado continua sendo “estatisticamente significativa e positivo.” (Corbi, 2004) O que se pode levar em consideração é a existência de correlação positiva significativa entre as variáveis renda e felicidade, porém, sabe-se que as correlações por si só não estabelecem relação direta de causalidade. Pode-se sugerir que haja uma relação inversa de causalidade. Pessoas mais felizes seriam mais dispostas a realizar-se, a conseguir um emprego e a desenvolver-se na vida de uma forma a atrair as fontes de renda. No caso o oposto funcionaria no sentido de que pessoas infelizes teriam dificuldade de relacionamento, trazendo assim infortúnio para aquisição de emprego e renda, como num círculo vicioso. Estudos feitos com ganhadores de loterias já comprovam atualmente a teoria da causalidade como sendo na direção da renda para a felicidade.

Existem muitas explicações na literatura para o fenômeno de que aumentos de renda não se traduzem em aumentos sucessivos de felicidade e bem-estar. Um deles é a “Teoria do Nível de Aspiração” de Richard Easterlin (1974). O Economista Americano foi um dos pioneiros a estudar esse tipo de relação. Utilizando como fonte os dados da *GSS – General Social Survey dos EUA*, o autor encontra correlação positiva e significativa entre as variáveis renda e felicidade. Os indivíduos que dispõem de uma renda superior são, na média, mais felizes. Porém, e aí está o princípio de sua pesquisa, quando o foco do estudo passa a ser a felicidade como parte do ciclo de vida dos indivíduos, surge a contradição. “Ao passo que a renda, e as condições econômicas em geral, na média melhoram ao longo da vida de um indivíduo, o nível de bem estar subjetivo não parece obedecer a mesma regra. Ele parece permanecer relativamente estável durante todo o ciclo de vida.” (CORBI, 2004, p.04)

Easterlin (1974) explica a sua teoria baseada na idéia de que se deve levar em consideração além da renda, o nível de aspirações dos indivíduos, e de entender como essas aspirações variam em um determinado ponto e também ao longo da vida das pessoas. Nesse caso acontece então o seguinte: Caso a renda aumente e as aspirações se mantiverem constantes os indivíduos experimentarão níveis de bem estar cada vez mais elevados. Todavia, se a renda aumenta e os níveis de aspiração aumentam de forma proporcional, este aumento tem um impacto negativo sobre o bem estar, reduzindo assim a felicidade relativa aos incrementos de renda. (CORBI, 2004) É mais ou menos o que acontece na prática.

Algumas constatações obtidas até o presente momento fazem evoluir para alguns paradoxos existentes. Os estudos empíricos indicam que renda e felicidade possuem correlação positiva. Esta correlação, de acordo com estas mesmas constatações, parece ir, na direção da renda para a felicidade, indicando assim que os que possuem maiores rendas detêm mais bem-estar. O que se pode constatar também é o fato de que essa relação não é absoluta e que a mesma depende de variáveis como os níveis de aspiração dos indivíduos, idade e etc para que a mesma seja tomada em sua plenitude. Tendo como pressuposto essas constatações e a idéia de que o nível de felicidade não cresce indefinidamente quando a renda cresce, o que explicaria então essa busca dos indivíduos por fortuna? Para Richard Easterlin (1974) essa busca se justifica pelo prazer, ainda que momentâneo, que as pessoas tem de acumular dinheiro. Fator que não pode ser colocado de lado é o fato de que os seres humanos vivem em constante comparação uns com os outros, fator essencial na determinação do seu nível de aspiração, impacto positivo nos seus desejos e negativo no seu nível geral de felicidade. Fontes como a página na Internet *InfoMoney* cita um estudo realizado no *Centro Nacional de Pesquisa da Universidade de Chicago* onde é evidenciado que “as pessoas que se concentram no próprio sucesso e não vivem constantemente se comparando com os outros, em termos de renda, tempo com a família, etc., tendem a ser mais felizes.”

2.3 DESEMPREGO E FELICIDADE

Dentre os fatores apontados na Pesquisa Mundial de Valores como os mais relevantes no processo de determinação do nível de felicidade dos indivíduos a perda do emprego aparece como uma das maiores fontes de infelicidade dos homens. (CORBI, 2004, p.05)

O desemprego tem sido nos últimos anos o grande fantasma que acompanha os indivíduos tanto em nações desenvolvidas como nas “emergentes”. A chamada globalização, a internacionalização dos processos e dos mercados, os avanços tecnológicos e os fluxos internacionais financeiros tem sido apontados como pontes para o desenvolvimento e crescimento das economias. O chamado desemprego estrutural faz com que os profissionais tenham que estar sempre se atualizando, vivendo na eminência da perda de sua posição, e até, como acontece nos casos mais típicos, sempre em busca de novas posições, que os proporcione mais conforto e menos ameaça da perda do emprego.

“A velocidade das mudanças está transformando as necessidades das empresas de tal maneira, que cargos e funções muito comuns a alguns anos atrás, hoje fazem parte da história.” (CORBI, 2004, p.06)

Que a perda do emprego gera problemas materiais dentre eles os decorrentes da perda da renda gerada pela atividade exercida pelo indivíduo já consta como déficit no bem-estar das pessoas isso é indiscutível. Porém o que não se levava em consideração até os estudos atuais aparece como a principal consequência da falta de emprego. Atualmente já não vemos o emprego apenas como um fardo que se tem de carregar para conseguir suprir suas necessidades materiais e custear o sustento de sua prole. O emprego hoje mais do que nunca é tido como fonte de status, de uma posição do indivíduo na sociedade. Está empregado representa que o indivíduo participa da vida e da sociedade e como muito da realização pessoal está na comparação que os indivíduos fazem de suas vidas, o fato de não ter uma posição definida para ser defendida representa fonte de perda de bem-estar. De acordo com Corbi (2002) “Pesquisas recentes tem-se associado o desemprego a fatores como mortalidade, suicídio, criminalidade e consumo de álcool, exatamente pelas consequências subjetivas da perda do emprego.”

O desemprego parece impor uma carga adicional ao indivíduo, um fardo que é chamado de custo não pecuniário, ou não monetário, do desemprego. Esses custos derivam principalmente do fato de que o emprego não é somente uma fonte de renda, mas também um provedor de responsabilidade social, identidade dentro da sociedade e auto-estima. (CORBI, 2004, p.06)

Estes custos não monetários do desemprego representam uma queda observada do bem-estar subjetivo. Na literatura recente já existem estudos como o de Clark e Oswald (1994) onde os resultados encontrados sustentam a hipótese de que o desemprego influencia negativamente no bem estar. Segundo os mesmos autores o desemprego reduz o bem-estar

com uma intensidade maior do que um agravamento no estado de saúde das pessoas ou mesmo o fim de um casamento. (CORBI, 2004)

Mais uma vez depara-se com a questão da causalidade. Os resultados são estatisticamente significantes e consistentes, porém sabemos que isso não prova causalidade. Podemos vir a crer que pessoas mais felizes têm muito mais condições de conseguir e se manter em um emprego por serem mais motivadas e atentas ao trabalho, o que leva a crer que o oposto também é verdadeiro, o indivíduo infeliz e desmotivado perde na concorrência para o amigo com motivação. Porém como aponta Corbi (2004) “existem evidências de que pessoas infelizes não se saem muito bem no mercado de trabalho, mas a causalidade principal parece claramente sair do desemprego para a felicidade, e não o contrario.”

Pode-se inferir que os chamados custos não monetários excedem grandemente a perda da renda. “A queda na felicidade pode ser atribuída, então, a fatores sociais e psicológicos” (CORBI, 2004, p.07)

O custo social se deriva do fato de o desemprego causar ansiedade e depressão, perda de auto estima e controle próprio. Pessoas muito envolvidas no trabalho tendem a sentir muito a perda do emprego. Os desempregados tendem a apresentar taxas de mortalidade mais altas, cometer mais suicídios e consumir mais álcool. Seu relacionamento pessoal torna-se também mais restrito. (CORBI, 2004, p.07)

Seria o que se chama de custos não pecuniários do desemprego. Atributos psicológicos e sociais, que, todavia, são subjetivos, mas que pesam sobre as conseqüências do fenômeno desemprego e sua associação com a felicidade dos indivíduos. (CORBI, 2004)

2.4 FELICIDADE NACIONAL E SEUS ATRIBUTOS

Em pesquisa realizada utilizando os dados da Pesquisa Mundial de Valores – *World Values Survey* – que serviu de base para o estudo do impacto de importantes variáveis econômicas na determinação do bem-estar dos indivíduos, são encontrados resultados nacionais relevantes para as afirmações que se necessita chegar. Neste ponto destaca-se a idéia de que, na posse de dados agregados, se pode efetivamente observar o comportamento dos índices de felicidade no âmbito dos países. Pesquisas desta natureza servem de referencial para a formulação de políticas sociais efetivas baseadas no interesse pelo bem-estar.

Foram analisados os impactos das diversas variáveis econômicas sobre a felicidade individual, e nesta parte o conceito é exportado para a dimensão nacional. Num nível macro, como se comportam as mesmas variáveis estudadas na seção anterior.

De acordo com (CORBI, 2004, p.10):

A WVS (World Values Survey) é uma investigação em escala mundial de mudanças sócio-culturais, econômicas e políticas, resultado da união de pesquisas representativas das convicções e valores das pessoas em mais de 65 sociedades de todos os continentes, representando cerca de 80% da população mundial.

Inclui amostras de sociedades com renda variando desde US\$300 até US\$30.000/ano, com longa tradição democrática ou com estados autoritários, e, ainda, sociedades com as mais diversas religiões existentes. Essas pesquisas são conduzidas através de aplicação de questionários a amostras representativas das populações em questão.

O estudo contemplou os seguintes países: EUA, Argentina, Japão, Espanha e Brasil. Cerca de 94% dos norte americanos e 92% dos japoneses, declaram-se felizes ou muito felizes, enquanto estes números caem para 83,2% e 82,8%, respectivamente para Argentina e Brasil. Os dados revelam que o nível de felicidade é mais alto nos países onde a renda per capita é mais elevada. EUA e Japão com US\$36.000,00 e US\$27.000,00 respectivamente. (CORBI, 2004)

Quanto a questão do emprego a pesquisa traz informações relevantes. Dados sobre emprego no Brasil e na Espanha mostram os dois países com a maior proporção de desempregados, 12,5% e 9,6%, respectivamente. No que diz respeito aos aposentados, a Espanha e os EUA apresentaram proporção de aposentados maior que os demais países com 27,9% e 24,3%, respectivamente. (CORBI, 2004)

Na seção anterior observou-se que o desemprego em nível individual afeta negativamente a felicidade das pessoas, sendo assim políticas de geração de emprego e renda fatalmente elevarão os índices de bem-estar de suas populações. Independentemente dos benefícios macroeconômicos que o emprego pode causar na economia, esse tipo de política é de extrema importância para o desenvolvimento de uma região.

3. FELICIDADE, ECONOMIA E MODERNIDADE

Neste capítulo estudar-se-á os novos rumos da economia, os novos desafios e as mudanças de paradigmas vindos dos novos problemas a serem resolvidos e seus reflexos no referencial de felicidade adotado pela sociedade moderna. A relação direta entre as variáveis econômicas e o nível de bem-estar dos indivíduos é latente, porém existem situações que necessitam de reflexão. São entraves a felicidade, e a preocupação das autoridades em remediar as questões abaixo mencionadas, dado a urgência que a situação exige, implica em protelação de políticas de promoção do bem-estar.

Serão vistos adiante tópicos sobre a globalização e seus círculos de discussão, subterfúgios para a obtenção ou não de felicidade numa economia inevitavelmente globalizada. Serão abordados os novos rumos de uma economia que, paradoxalmente, à idéia de necessidade de obtenção de novas fontes de energia, também passa pelo desafio dado pelo aquecimento da terra e suas conseqüências catastróficas num cenário econômico do século XXI. Nesse ínterim, tratar-se-á do problema fundamental da economia desde sua criação: a escassez. Dessa vez, escassez de água, de energia renovável, de transportes seguros e movidos a combustíveis não poluentes, enfim, de biosegurança e desenvolvimento sustentável. Não mais um clichê, e sim atividades novas, tecnologia utilizada a serviço da humanidade como a única saída para que se evite um colapso econômico, social e natural.

Em meio a tantos desafios trata-se dos caminhos rumo à paz. Rumo à possibilidade de se conviver com segurança pública de qualidade, de educação, de desenvolvimento no seu aspecto mais amplo, cultural, artístico, educacional, tecnológico e especificamente ambiental. Alinhando a discussão, fala-se sobre a corrupção, em todos os níveis como mola mestra do subdesenvolvimento e do retrocesso das instituições públicas e privadas, sobre a moral e a ética dos seres humanos, desafios esses entendidos como prioritários para a manutenção do nível de felicidade dos seres humanos.

A reflexão que se faz durante o processo de pesquisa demonstra o quanto a economia está ligada ao conceito de felicidade, e o quanto os indivíduos ou grupos de indivíduos estão dispostos a obter essa realização, conceito este que se relativiza a cada nova descoberta e a cada avanço dos estudos sobre o tema.

Tratar-se-á temas transversais, como forma de aproximação, usando a dialética para firmar a idéia de que a felicidade é realmente um desafio, dado as transformações ocorridas no modo de vida dos indivíduos na sociedade. Globalização, Ecologia, Segurança Pública, ética, geração de energia, escassez de água potável serão temas latentes na agenda de discussões dos países na busca por políticas que atraíam benefícios sustentáveis para toda a sociedade. Entende-se que são desafios que fundamentalmente não ficam de fora quando o assunto em questão é a busca por felicidade e realização dos seres. Apresentam-se como um momento de transição dos valores da sociedade, o qual precisa ser discutido. Entende-se esse como o mecanismo e o momento oportuno para tal.

Em pleno século XXI, quando a felicidade e o bem-estar da humanidade, vista pela ótica iluminista, da Revolução Industrial, passou pelo teste do tempo da forma mais avassaladora possível, chega-se mais uma vez ao início de tudo, como cita Oliveira, 2007: “A Felicidade coletiva mais plena gera muito mais produção artístico-cultural que desenvolvimento econômico.” e o historiador francês Fernand Braudel na sua obra “Civilização material, Economia e Capitalismo” sugere que quando uma sociedade passava a se dedicar mais á arte, implicava quase sempre que seu apogeu econômico já havia chegado ao limite e começava a desvanecer. (OLIVEIRA, 2007)

No caso da globalização, entendida como: “o crescimento da interdependência de todos os povos e países da superfície terrestre.” (Bruno, 2007) Ela traz mais benefícios ou está custando mais luta por empregos, onde as diferenças se acirram e os ópios sociais inebriam as massas diante da tela da televisão e dos sucessos da indústria fonográfica? Ela traz mais felicidade ou não? “A chave para a resposta à pergunta se a globalização deixará os indivíduos mais felizes é que o sentimento de felicidade é mais decorrente de fatores relativos. Ficamos mais felizes quando percebemos que estamos podendo adquirir mais e viver melhor que vizinhos e amigos que antes tinham a mesma condição econômica e patrimonial que nós.” (OLIVEIRA, 2007)

O pesquisador Robert Frank coordena uma pesquisa em muitos países com o objetivo de identificar o grau de felicidade que o desenvolvimento econômico gerou na sociedade. As conclusões por ele observadas se alinham com as que foram observadas no segundo capítulo deste trabalho, quando foi tratado o tema da relação entre renda e felicidade, porém, julga-se pertinente recolocar com as palavras do mesmo:

Parece haver indícios de que após a faixa dos R\$10 mil de renda per capita, as pessoas dos países ricos não conseguem traduzir em mais felicidade melhorias consideráveis em seu padrão de renda e de consumo. Nas nações pobres onde acréscimos de renda podem significar ter acesso a coisas básicas, o acréscimo de felicidade pode ser mais percebido com o crescimento e o desenvolvimento. Paradoxalmente, à medida que os países mais pobres se globalizam e começam a identificar a distancia que ainda estão dos indivíduos dos países ricos, é muito provável que o sentimento de felicidade se deteriore. (OLIVEIRA, 2007)

Entende-se o processo de globalização do comércio e da economia assim como o de todo o resto, como, por exemplo, da cultura (o que não deixa de ser um comércio nos dias atuais), como um processo sem volta. Mas não se pode e nem se pretende aqui deixar uma impressão de que a chamada (e digamos de passagem, rotulada) globalização é algo totalmente negativo. Há controvérsias. De acordo com Oliveira, 2007, por exemplo:

... se deixarmos de lado o cidadão humano e passarmos a considerar o ser humano consumidor [...] apesar de não termos como identificar nitidamente o quanto a economia e a TI podem ou não nos deixar mais felizes, o fato é que ambas muito certamente nos permitem momentos impagáveis de alegria quando experimentamos uma vida com menos burocracia, menos filas nos bancos e a possibilidade de manter diálogo freqüente e constante com alguém do outro lugar do mundo pela internet.
(OLIVEIRA, 2007)

A questão no que diz respeito ao mundo globalizado é a seguinte: sabe-se, e não se pode negar que o mundo globalizado deixou os seres humanos mais ricos e mais detentores de bens. Porém, a globalização, ao menos nos países em desenvolvimento, onde o acesso à tecnologia depende em grande escala do nível de escolaridade, as coisas acabam por se tornar mais burocráticas ainda, com funcionários mal treinados e consumidores insatisfeitos por não saberem como utilizar tais máquinas. Um bom exemplo disso são as agências bancárias, com máquinas e equipamentos modernos, onde, os aposentados se enfileiram dentro das agências com poucos empregados para conseguirem fazer suas transações bancárias. A falta de acesso à educação nos países subdesenvolvidos evidencia que pontos a globalização alcança rumo ao desenvolvimento.

... até mesmo a esquerda vem encarando a globalização não como algo a ser morto, mas como algo a ser domesticado. [...] a globalização - pelo menos no cômputo geral - torna o mundo mais próspero. A crítica que se faz a globalização não é que ela não consiga produzir um número cada vez maior de coisas, mas que essa produção apresenta uma série de problemas, principalmente quanto à maneira peça qual essas coisas são distribuídas.
(WRIGHT, 2007)

3.1 O AQUECIMENTO DA TERRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A ECONOMIA MUNDIAL E À MODERNIDADE

Esta seção do trabalho diz respeito ao tema ecologia. Traz a tona peculiaridades do próprio espírito social do homem. Todo o conceito de felicidade tem sido construído em torno de variáveis como dinheiro, status, posição social, aspirações, desejos e no limiar do milênio da revolução tecnológica, aparecem grupos que propõem uma nova conduta, uma simplificação da vida e uma proposta de valores há tempos deixados de lado pelo consumismo moderno como forma de alcançar a tão almejada felicidade. A economia e a psicologia se unem para tentar decifrar os mistérios da relação humana com a sua busca por realização.

O que realiza o homem? O que faz o ser humano ir mais além? O que move as atitudes humanas em busca do desenvolvimento, gerando revoluções industriais, culturais, éticas, digitais? Aonde o homem quer chegar? Até onde vai?

Prepotência talvez fosse querer responder tão intrigantes questões, porém, o papel de todo ser vivente é questionar-se. Refletir sobre estes temas deve ser uma tentativa pertinente de se buscar soluções para muitos dos problemas que são hoje a estrutura do mundo moderno.

Entende-se que nos momentos atuais as prioridades econômicas estão mudando. Nos próximos anos o mundo estará vivendo fenômenos os quais a própria ciência econômica terá necessidade de obter maturação para absorver em sua base teórica a onda de novos paradigmas. Valores considerados de suporte hoje, desde os primórdios, no início do século XX, como o desenvolvimento econômico, como o combate ao analfabetismo, o desemprego e a inflação, a onda de “financeirização” das economias, e todo o resto, dará lugar à entrada de uma enxurrada de situações que foram durante o tempo negligenciadas pelos governos ávidos por desenvolvimento, sempre de olhos fechados para o que parecia apenas, previsões de cientistas, ecologistas e acadêmicos.

Nesse ponto, o contexto iluminista não teve como prever, nem como imaginar que pela ação dos governos, os mesmos que trariam o crescimento e a riqueza material a qual reinaria suprema, poderiam trazer ou mesmo agravar outros grandes problemas, questões essas que sua teoria econômica, nem seus paradigmas otimistas resolveriam.

Hoje, a felicidade dos seres humanos e sua ligação com a renda auferida do lugar é uma questão de um nível bem mais elevado de importância, é uma questão de sobrevivência. O tema do meio ambiente que até uns anos atrás era tratado apenas por uma dúzia de ambientalistas e alguns acadêmicos da área, agora veio com toda a força. O modo como são vistas as atividades econômicas hoje, deverá mudar. Os governos deverão atentar para o verdadeiro desenvolvimento sustentável, sob pena de não restar mais ações de prevenção ou mesmo ações de política econômica para tratar os índices de balanceamento das economias. Neste lugar apenas se terá como opção remediar situações que hoje já são apresentadas como irremediáveis. O mundo hoje vive um momento de alerta, de última chamada para que os desejos humanos não deixem a sociedade sem opções para almejar um futuro de prosperidade. Um momento em que todos os governos, ou todos os cidadãos precisam tomar medidas imediatas não apenas para salvar a vida da próxima geração, mas para que não se precise passar por situações irremediáveis hoje.

A gravidade da situação requer medidas imediatas para que o suor das famílias que vendem seu fator de produção para auferir a tão desejada renda e manter o funcionamento do sistema, não seja mais necessário diante dos perigos, dos castigos que a natureza, por muitos, ridicularizada, possa se rebelar de uma vez por todas.

Este ano o mundo foi oficialmente informado por uma reunião da comunidade científica mundial, um painel das Nações Unidas que deixou o mundo estarrecido com a divulgação de seu relatório. Está havendo mudanças no clima do planeta. As conclusões do Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) são tão cheias de certezas e a situação está de tanto irreversível, que quarenta e oito horas depois do mesmo ter sido aprovado e divulgado quarenta e seis países pediram a criação de uma agência das Nações Unidas para o Meio Ambiente. (Vecária, Mansur, 2007) De acordo com Trigueiro, 2007 o IPCC foi criado em 1988 por iniciativa do Programa das Nações Unidas para o meio ambiente (UNEP) e pela Organização Meteorológica Mundial (WMO), e já tinha lançado antes mais três relatórios, porém, nenhum com tanta repercussão. O relatório é afirmativo tanto no tocante aos acontecimentos quanto aos causadores de tais conseqüências. É possível medir hoje com precisão que as emissões de gases na atmosfera são as grandes vilãs na destruição do planeta e que se não for tomada uma decisão de pronto as conseqüências serão desastrosas. Dentre as causas do aquecimento da terra cita-se, as queimadas, a poluição enviada ao ar pela queima de combustíveis fósseis, e as chaminés das indústrias. A

necessidade do homem por geração de energia está esgotando os recursos naturais.

Estes gases (ozônio, gás carbônico e monóxido de carbono, principalmente) formam uma camada de poluentes, de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. O desmatamento e a queimada de florestas e matas também colabora para este processo. Os raios do Sol atingem o solo e irradiam calor na atmosfera. Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global. Embora este fenômeno ocorra de forma mais evidente nas grandes cidades, já se verifica suas conseqüências em nível global.
(SUA PESQUISA, 2007)

No relatório a comunidade científica adianta uma lista de catástrofes naturais de grandes proporções, como cita Vecária e Mansur (2007), “Haverá fome, seca, miséria, furacões e enchentes. Até os mares já estão subindo - 3,3 milímetros por ano, duas vezes mais rápido que no século passado.” e tudo isso é culpa da ação dos homens.

Existe uma grande necessidade criada pela humanidade de geração de energia. A principal fonte de energia atualmente utilizada são os combustíveis fósseis, a queima dos mesmos é responsável pela emissão de carbono na atmosfera.

Os reflexos das mudanças climáticas não estão apenas no campo social. Também não se restringe a uma idéia catastrófica em âmbito geográfico. O Economista Nicholas Stern lançou um estudo detalhado onde mostra que as mudanças no clima terão conseqüências desastrosas para a economia mundial. “Ignorar as mudanças climáticas ocorridas na terra pode ter conseqüências desastrosas para a economia, numa escala similar á da Grande Depressão de 1930 e criar mais de 200 milhões de refugiados.” (INGLATERRA, 2007)

É necessário trabalhar usando o que se tem de melhor na comunidade científica, unindo todas as áreas de conhecimento no objetivo comum. Precisa-se diversificar a base energética atual, a noção de consumo e preservação dos recursos naturais. Empresas, governo, famílias, entidades de pesquisa, todos em busca de uma solução sustentável para a questão ambiental. Gerir a sociedade de uma forma ambientalmente correta será o desafio da geração atual. E tudo isso muda a economia, como é visto o produto e a geração de renda. De acordo com Black, 2007 “o IPCC previu um aumento na temperatura da terra de 1,8° a 4°C – e que esse aumento afetará o clima e a natureza. Como exemplo foi dito que o sul da Espanha, o sul da França e partes da Itália poderão vir a ser, quase inabitáveis.” Isso poderá gerar uma quantidade enorme de refugiados e desabrigados. (BLACK, 2007)

Quais problemas sociais poderão advir de toda essa onda climática? Problemas até então considerados superados pelos países ricos virão à tona, uma onda de subdesenvolvimento poderá assolar nosso planeta. É interessante notar que as previsões dos ambientalistas, antes vista como alarmistas, tornam-se hoje, questão prioritária. Os recentes fenômenos naturais, completamente atípicos fizeram mudar de alguma forma a visão sobre ecologia. (BLACK, 2007)

O Aquecimento da terra e suas implicações já podem ser vistos de forma nítida, e muitas das medidas para tentar adaptar a humanidade às suas conseqüências deverão virar prioridade a partir de agora nos planejamentos econômicos das três esferas de governo. Digase de passagem, tardiamente. O secretário interino de Qualidade Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, Ruy de Góes, segundo Bacoccina, 2007, diz que a “adaptação do Brasil aos efeitos do aquecimento global vai levar décadas de trabalho e terá que ser incorporada ao planejamento de todas as instâncias de governo daqui para frente.” Também segundo o próprio secretário:

Temos que ter um enorme sentido de urgência, atuar com a maior rapidez possível nas medidas de mitigação, mas ao mesmo tempo a adaptação é uma tarefa para esta e para as próximas gerações. É isso o que tem que mudar na cabeça dos governantes em geral
(BACOCINA, 2007)

Ainda segundo Bacoccina, 2007, “adaptação são as medidas que a sociedade terá que tomar para que os seres humanos consigam conviver com as mudanças.” E “mitigação são as medidas que serão tomadas nos próximos anos para reduzir a emissão de gases que causam o aquecimento global.”

As previsões dos cientistas sugerem um mundo e uma economia com rumos diferentes dos vividos neste momento. Uma economia que se baseia em remediar os problemas causados por velhos hábitos do processo produtivo. Está previsto segundo Relatório da ONU, que mais de um milhão de pessoas sofrerá com os males causados pelas mudanças climáticas nos próximos anos, isso inclui, secas, fome, e falta de água. (BIZZOTTO, 2007)

O rendimento dos cultivos agrícolas e da pecuária também serão afetados, principalmente na África e Ásia. Atualmente há cerca de 900 milhões de pessoas passando fome no mundo e esse número deve aumentar por causa da mudança climática”, disse Martin Perry, co-presidente do grupo de trabalho responsável pela segunda parte do relatório.
(BIZZOTTO, 2007)

O aquecimento da terra traça um perfil indesejável para a agricultura e para a pecuária. Uma economia que antes sofria com a dependência de chuvas, depois de superados os problemas de irrigação, hoje teme outras pragas de proporções sociais, econômicas e ambientais. Não é apenas o tempo que fica mais quente de uma forma gradativa, são alterações em toda a conjuntura que envolve o clima, o relevo, e o ecossistema em geral.

As alterações do clima acarretam modificações na incidência de pragas agrícolas, com sérias consequências econômicas, sociais e ambientais. O cenário fitossanitário atual seria significativamente alterado, expondo a vulnerabilidade da agropecuária a essas mudanças e a necessidade de desenvolver estratégias adaptativas de longo prazo.
(GAZZONI, 2007)

3.2 A ESCASSEZ DE ÁGUA NO MUNDO E OS RUMOS DA ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Assunto importante no debate é também o problema da escassez de água potável. Está se tornando alarmante a extensão da escassez de água no mundo. O International Water Management Institute (Instituto Internacional de Gerenciamento de Água, IWMI, na sigla em inglês), lançou um relatório na Semana Mundial da Água em Estocolmo na Suécia. O relatório afirma que um terço da população mundial sofre com a escassez da água. Segundo Salazar, 2007 existem dois tipos de escassez de água. “A escassez econômica ocorre devido à falta de investimento e é caracterizada por pouca infra-estrutura e distribuição desigual de água e há escassez física ocorre quando os recursos hídricos não conseguem atender à demanda da população”. Regiões áridas são as mais associadas com a escassez física de água. Não existem dúvidas de que o planeta está no caminho de uma catástrofe ambiental, caso melhores políticas de aproveitamento dos recursos hídricos não sejam implementadas de pronto. De acordo com Salazar, 2007 “mesmo em áreas onde existe uma aparente abundância do recurso, existe uma tendência hoje a se criar uma escassez artificial”. Também de acordo com a Salazar, 2007, isso se dá devido ao uso exagerado da água. Um exemplo é a agricultura que usa setenta vezes mais água para produzir alimentos do que residências.

É possível reduzir a escassez de água, alimentar as pessoas e cuidar da questão da pobreza. Mas a questão mais importante é a ambiental. O povo e seus governos terão que tomar decisões sobre como gerenciar a água”, disse o pesquisador David Molden, do IWMI, que liderou a avaliação.
(BLACK, 2007)

A tendência é de um cenário de escassez e de uma demanda ainda crescente de água, pois fatores como a urbanização e o crescimento econômico fazem o recurso tornar-se cada vez mais necessário, sendo a demanda por alimentos e por energia ganchos da procura por água. “A produção de leite, carne, açúcar, óleos e vegetais exige mais água que a produção de cereais além de um gerenciamento diferente dos recursos hídricos”. (Black, 2007) o relatório solicita dos agricultores que cultivem mais alimentos sem pressionar ainda mais o ambiente. “O total de água usada na produção agrícola a cada ano pode subir dos 7,2 mil quilômetros cúbicos para 13,5 mil quilômetros cúbicos até 2050.”(Black, 2007) É alarmante saber com uma precisão científica que sessenta por cento dos rios atualmente com utilização, devem enfrentar escassez de água num futuro próximo. Quanto à escassez física de água setenta e cinco por cento do fluxo dos rios destinados a agricultura, indústria ou uso doméstico sofrerão em futuro próximo. (BLACK, 2007)

O problema da falta de água, antes visto como um problema dos países pobres hoje assola os ricos e aparece como um problema de nível mundial. De acordo com a Rede de Conservação Ambiental WWF, mudanças climáticas, perda de áreas alagadas, infra-estruturas inadequadas e mau gerenciamento dos recursos são hoje os “problemas verdadeiramente globais”. O supervisor Jamie Pittock afirma que “Riqueza econômica não se traduz em abundância de água”. Escassez e poluição estão se tornando mais comuns, e a responsabilidade para encontrar soluções cabe tanto a países ricos como pobres. “O que está visível a todos é que o desperdício está na ponta do iceberg, cidades ricas consomem mais água do que poderiam repor.” (SALAZAR, 2007)

Algumas das cidades mais ricas do mundo, como Houston, no Texas, e Sidney, na Austrália, consomem mais água do que são capazes de repor.

Nos Estados Unidos e no Japão, o uso diário de água per capita alcança os 350 litros, enquanto cada europeu consome 200 litros por dia, afirmou o relatório.

Na África subsaariana, o consumo diário per capita é de no máximo 20 litros.

Em Londres, a infra-estrutura ultrapassada gera um volume de perdas equivalente a 300 piscinas olímpicas por dia.

Segundo o levantamento, regiões áridas da Europa, como a maior parte da Espanha e Portugal, devem sofrer “severamente” com a escassez de água em 2070.

(MYNOTT, 2007)

Em relatório recente lançado pelas Nações Unidas, a Agricultura é apontada como a maior ameaça as reservas de água doce do planeta. “O documento afirma que cerca de dois

terços da água doce proveniente de aquíferos e outros rios são consumidos por fazendas.” (MYNOTT, 2007)

O trabalho, intitulado *Desafios para Águas Internacionais: Avaliação Regional em uma Perspectiva Global*, sugere acabar com subsídios a pesticidas e fertilizantes e vender água a preços realistas (mais altos), como formas de reduzir não só a demanda por água, mas a poluição de fontes de água doce como rios.

(MYNOTT, 2007)

São situações vividas pelo homem hoje, com sua maneira peculiar de degradar e desenvolver-se a custa da manipulação do meio ambiente, que poderão trazer problemas bem maiores. O mesmo relatório citado acima “chama atenção para os danos de longo prazo ao meio ambiente que podem resultar em um desenvolvimento insustentável e para os custos econômicos que vão resultar deste tipo de desenvolvimento.” (BLACK, 2007)

Há muitas mensagens importantes contidas neste estudo pioneiro, disse o diretor-executivo da Unep, Klaus Toepfer.

Uma delas, alta e clara, é a econômica: o nosso fracasso coletivo em avaliar os bens e serviços vindos de águas internacionais e em valorizar os benefícios com uma visão estreita, em favor de poucos, está nos empobrecendo a todos, afirmou.

(MYNOTT, 2007)

Ponto relevante quando se trata de agricultura são os subsídios agrícolas, por refletirem o poder estatal de desenvolver o país através do setor privado. Os subsídios agrícolas incentivam o uso insustentável da terra e da água. O relatório das Nações Unidas também afirma que “Subsídios à pesca podem levar à distorções e subsídios à agricultura podem encorajar o uso irresponsável de pesticidas e fertilizantes.” (KINVER, 2007)

Como pensar a felicidade num cenário de grandes distúrbios, onde se vive uma crise de identidade humana, social, moral e ética? Estar vivo hoje é um grande quebra cabeças, uma experiência que faz refletir sobre o futuro. Sobre isso Kinver, 2007 afirma que "Bom governo é essencial para gerenciar as cada vez mais sobrecarregadas fontes de água, e indispensável para combater a pobreza", disse o diretor-geral da Unesco, Koichiro Matsuura. E mais: “Não há um plano único... mas sabemos que (o plano) deve incluir instituições adequadas, nacionalmente, regionalmente e localmente, além de sistemas legais fortes e efetivos e recursos financeiros e humanos”, acrescentou.” Todos sabem e fontes dignas de atenção mostram que é preciso capacitação de pessoal para trabalhar com recursos naturais. A questão da água abre discussão para o tamanho desnível entre as nações no tocante ao acesso aos

recursos. Enquanto necessita-se de políticas que capacitem as populações e governos dos países desenvolvidos para o uso racional e sustentável da água, se precisa de políticas que tragam acesso a água à populações de países como os da África. Alguns pontos podem ser apontados como entrave no acesso a água, como por exemplo:

O relatório descobriu que rios e depósitos de água de muitas regiões estão secando devido a pouca quantidade de chuva e índices de evaporação mais altos.

A rápida urbanização em países em desenvolvimento também está afetando a habilidade de seus moradores de conseguirem água, segundo o relatório.

Governos e autoridades locais não conseguiram expandir rapidamente as redes de distribuição de água para atender a todos que se mudam para as cidades.

Os autores do relatório afirmam que o fracasso em fornecer suprimentos adequados e saneamento está diretamente ligado à baixa qualidade de vida e pouca saúde entre os habitantes pobres das cidades, o que pode gerar intranquilidade social e conflitos.

(MYNOTT, 2007)

3.3 A PROBLEMÁTICA DA GERAÇÃO DE ENERGIA E SUAS FONTES RENOVÁVEIS

Ao tratar de felicidade, nos termos da proposta desta pesquisa, busca-se ressaltar o enfoque filosófico do tema. A felicidade, na atual conjuntura necessita de elementos materiais. Temas transversais como os citados nas seções anteriores mostram-se relevantes quando se deseja traçar um prognóstico futuro da situação de bem-estar da sociedade. A problemática da geração de energia está dentro desse enfoque e mostra-se como tema de discussão, pois sua ligação com a ecologia, e com o desenvolvimento sustentável é eminente, e essa ligação passa inevitavelmente pelo modo de produção da economia mundial nos próximos anos.

Sabe-se então que, em matéria de geração de energia, caso se continue com a postura que se está tomando, fatalmente, o futuro estará comprometido. O século XXI começa com várias das previsões do século passado não cumpridas. As áreas mais longe de serem contempladas com previsões não realizadas são os transportes e a geração de energia. Entenda-se que é sabido que áreas como as comunicações, a informática e a medicina tiveram bastante êxito e talvez até tenham superado as expectativas em termos de avanço. Porém, nas duas áreas citadas acima em que o progresso não chegou com a mesma força das demais, hoje o preço do retrocesso é pago.

A culpa desse "atraso" está na não viabilização técnica e principalmente econômica de novas formas de energia. Praticamente todas as nossas atuais necessidades de energia são atendidas de maneira "jurássica", não compatíveis com os avanços do final do século XX e os esperados para o século XXI.

(ENCARNAÇÃO, 2000)

Hoje como fonte de energia, tem-se: O petróleo, que é uma fonte de energia fóssil. A sociedade hoje é extremamente dependente da energia gerada pelo petróleo. Trata-se de uma fonte de energia não renovável, isto é, suas reservas estão sendo esgotadas gradativamente. Apesar dos sérios impactos que sua utilização causa ao meio ambiente, a sua viabilidade econômica faz com que o mesmo continue sendo explorado. “O Petróleo é formado pelo processo decomposição de matéria orgânica, restos vegetais, algas, alguns tipos de plâncton e restos de animais marinhos - ocorrido durante centenas de milhões de anos da história geológica da Terra.” (Petróleo, 2007) Existem algumas maneiras de encontrar petróleo e a mais comum delas seria no mar. “No ambiente marinho é a plataforma continental a região que mais produz matéria orgânica. Os mares rasos também podem receber um grande aporte de matéria orgânica.” (PETRÓLEO, 2007)

Junto com o que foi visto sobre o petróleo e sua composição, não se pode deixar de explicitar os acidentes ambientais causados pelo derramamento de óleo no meio ambiente. Como se não bastassem as chaminés das fábricas, os automóveis como grandes poluidores do meio ambiente o mundo ainda convive com constantes catástrofes ambientais. “O petróleo é considerado o principal poluente do ambiente marinho. O óleo espalha-se pela superfície e forma uma camada compacta que demora anos para ser absorvida. Isso impede a oxigenação da água, mata a fauna e a flora marinhas e altera o ecossistema.” (BRASIL, 2007)

Importante notar que com o aumento da demanda por petróleo e como resposta a mesma, as nações e suas refinarias aumentaram gradativamente em escala mundial a produção e conseqüentemente o consumo do combustível. Na mesma escala aumentaram os desastres para com o ambiente.

No século XX, até início de 1997, houve 25 grandes derramamentos de óleo no meio ambiente, principalmente no mar. Todos esses grandes derramamentos ocorreram a partir da década de 60, mais precisamente a partir de 1968. Estima-se que, no total, esses grandes derramamentos tenham sido responsáveis por algo em torno de 3,5 milhões de toneladas de óleo derramados, ou 3,9 bilhões de litros de óleo, uma quantidade, porém, difícil de precisar.

(BRASIL, 2007)

Geração de energia é de fundamental importância para a economia de qualquer nação, pois a energia é um dos insumos fundamentais em qualquer processo produtivo. Todas as nações buscam a suficiência em geração de energia, porém, poucas são as que voltam seus investimentos para a descoberta de energia renovável, limpa e barata. As nações estão dependentes de fontes antigas e se utilizando de processos retrógrados de geração.

De acordo com Goldemberg, 1998, “As reservas brasileiras de combustíveis fósseis não são muito grandes, mas, deverão ser capazes de suprir as necessidades nacionais durante 20 ou 30 anos; deve ainda ser considerado o potencial hidroelétrico ainda não utilizado.” Deve-se haver um planejamento no sentido de utilização de um potencial sustentável de energia, já que o recurso é de tão importância para o desenvolvimento de qualquer nação.

ENERGIA É um ingrediente essencial para o desenvolvimento, que é uma das aspirações fundamentais da população dos países da América Latina, Ásia e África. O consumo de energia per capita pode ser usado como um indicador da importância dos problemas que afetam estes países, onde se encontram 70% da população mundial.

Na maioria dos países, nos quais o consumo de energia comercial per capita está abaixo de uma tonelada equivalente de petróleo (TEP) por ano, as taxas de analfabetismo, mortalidade infantil e fertilidade total são altas, enquanto a expectativa de vida é baixa. Ultrapassar a barreira 1 TEP/capita parece ser, portanto, essencial para o desenvolvimento. À medida que o consumo de energia comercial per capita aumenta para valores acima de 2 TEP (ou mais), como é o caso dos países desenvolvidos, as condições sociais melhoram consideravelmente. O consumo médio per capita nos países industrializados da União Européia é de 3.22 TEP/capita; a média mundial é de 1.66 TEP/capita.

(GOLDEMBERG, 1998)

Está então provado que o melhor caminho é o da sustentabilidade. Buscar pesquisa e tecnologia para a manutenção de projetos de energia renovável e que não degradem o meio ambiente. No caso brasileiro o projeto do Álcool combustível é um bom exemplo. “Usando cerca de quatro milhões de hectares – menos de 10% da área agricultável do país – o Programa do Álcool supre hoje 11% da energia consumida sob a forma de etanol – um combustível de alta qualidade – e de bagaço de cana, usado de várias formas como fonte de calor.” (GOLDEMBERG, 1998)

O programa do álcool brasileiro tem números para se tornar em breve na grande alternativa de viabilidade econômica e ambiental para geração de energia, assim como, alternativa para redução da emissão de gases que causam o efeito estufa e conseqüentemente

o aquecimento da terra. O Brasil é o mais avançado na tecnologia de produção e uso de etanol combustível, seguido apenas pelos EUA e em menor escala pela Argentina. A produção mundial aproxima-se dos quarenta milhões de litros dos quais, estima-se que pelo menos vinte e cinco milhões seja utilizado para fins energéticos. O Brasil responde por vinte e cinco bilhões de litros desse total. Importante salientar que o uso de álcool exclusivo como combustível encontra-se no Brasil. “O benefício ambiental associado ao uso de álcool é enorme, pois cerca de 2,3 t de CO₂ deixam de ser emitidas para cada tonelada de álcool combustível utilizado, sem considerar outras emissões, como o SO₂.” (GAZZONI, 2007)

O Álcool combustível é uma realidade que precisa ser buscada e também utilizada da forma mais racional para que não cometamos os mesmos erros do passado na produção de diversas energias, sem planejamento de longo prazo e sem observar a degradação do meio.

A cana-de-açúcar é a segunda maior fonte de energia renovável do Brasil com 12,6% de participação na matriz energética atual, considerando-se o álcool combustível e a co-geração de eletricidade, a partir do bagaço. [...] Na safra 2004, das cerca de 380 milhões de toneladas moídas, aproximadamente 48% foram destinadas à produção de álcool. O bagaço remanescente da moagem é queimado nas caldeiras das usinas, tornando-as auto-suficientes em energia e, em muitos casos, superavitárias em energia elétrica que pode ser comercializada. No total foram produzidos 15,2 bilhões de litros de álcool e uma geração de energia elétrica superior a 4 GWh durante a safra, o que representa aproximadamente 3% da nossa geração anual.

Apesar de todo o potencial para a co-geração, a partir do aumento da eficiência energética das usinas, a produção de energia elétrica é apenas uma das alternativas para o uso do bagaço. Também estão em curso pesquisas para transformá-lo em álcool (hidrólise lignocelulósica), em biodiesel, ou mesmo, para o seu melhor aproveitamento pela indústria moveleira e para a fabricação de ração animal.

(GAZZONI, 2007)

Como se pode notar as possibilidades são imensas. Precisa-se gerar energia de forma barata e renovável, sendo o Brasil matriz no desenvolvimento dessa tecnologia que pode ser importada para todas as partes do mundo.

Como a maioria dos cenários traçados para o preço internacional do petróleo prevê a continuidade da escalada de preços, consolida-se o programa do etanol combustível e ficam criadas as condições para alavancar o programa de biodiesel.

Entende-se que as condições comerciais estão delineadas, em forma estrutural, para a viabilização da agroenergia enquanto componente de alta densidade do agronegócio. As pressões de cunho social (emprego, renda, fluxos migratórios) e ambiental (mudanças climáticas, poluição) apenas reforçam e consolidam essa postura, além de antecipar cronogramas.

(GAZZONI, 2007)

A agroenergia é tendência sem volta, pelos motivos delineados acima, assim também como pela viabilidade e a tendência que se deve ter de utilização sustentável dos recursos renováveis. Importante notar aspectos no que diz respeito a resolução de três questões fundamentais, considerados grandes desafios para o século XXI, a saber, produzir energia sustentavelmente, proteger o meio ambiente e geração e de emprego e renda de uma forma mais equânime. Esses três paradigmas tem condições de serem alcançados de uma forma gradativa com o projeto da agroenergia, pois: “A produção agrícola desconcentra renda mais intensamente que a extração de petróleo ou gás.” (GAZZONI, 2007)

Claro que, como todo processo, tem o seu lado positivo e o negativo. Frente a todos os avanços e pontos positivos da agroenergia está passando por problemas bem peculiares dos países em desenvolvimento. O subdesenvolvimento marca seu território nos modos de produção desses países de forma marcante. Esta é a manchete que encontrada sobre a indústria da produção de etanol no Brasil. “A indústria brasileira do etanol está apoiada sobre um exército de 200 mil migrantes pobres que trabalham como cortadores de cana em condições que muitos classificam como similar à escravidão, segundo afirma reportagem publicada nesta sexta-feira pelo diário britânico The Guardian.” (Toledo, 2007) Questões como trabalho escravo, desrespeito aos direitos humanos, devastação de florestas para o plantio da monocultura de cana, são apenas alguns dos problemas oriundos da produção de cana-de-açúcar no país. A indústria da cana de São Paulo é pautada numa política de migração de trabalhadores nordestinos em busca de sobrevivência. “com um passeio pela periferia de Palmares Paulista, aparece uma imagem muito mais sombria do que o presidente Lula classificou como ‘revolução energética brasileira’”.(TOLEDO, 2007)

De um lado, densas plantações verdes de cana-de-açúcar que se estendem até onde os olhos podem ver; de outro, casebres tortos de tijolo aparente amontoados, abrigando centenas de trabalhadores empobrecidos que arriscam suas vidas e seus membros para prover cana-de-açúcar para as usinas locais.

(TOLEDO, 2007)

Os cortadores de cana de açúcar são efetivamente escravos e a indústria brasileira do etanol é, sem sobra de dúvidas, um mundo obscuro de aliciadores e abusos aos direitos humanos. Pelo que podemos notar o nosso velho e bom capitalismo selvagem mostra a sua cara aonde quer que estejamos. Dentre os problemas enfrentados pelos cortadores de cana estão turnos de doze horas de trabalho em um sol escaldante de trinta graus celsius e

ganhando apenas dois reais por tonelada de cana cortada, isso antes de voltar para seus abrigos alugados a preços extorsivos pelos proprietários de terra. (TOLEDO, 2007)

Como diz a teoria marxista “o trabalhador é origem do valor. Sendo ele a origem do valor, entretanto há uma tendência para o empobrecimento do trabalhador.” (Economiabr.net, 2007) Marx tratava de uma economia no início da era industrial, onde o trabalho dos artesãos estava sendo trocado gradativamente pelos trabalhos nas grandes fábricas a condições também complicadas de trabalho. Hoje, trata-se de trabalho escravo, ou mesmo em condições sob humanas em pleno século XXI e no Brasil. Sempre que um novo recorde de produtividade é batido, novos processos de geração de energia, de exportações ou qualquer outra vertente aparece como grande em algum segmento, as lentes desconfiadas das câmeras de TV reforçam a idéia da desigualdade social e da degradação do ser humano e dos recursos naturais.

Como se não bastasse o lado negativo da produção de cana de açúcar escravizar e submeter seres humanos a tratamentos degradantes, ainda observa-se que, dependendo da maneira como se utilizem os processos de produção do etanol, simplesmente trocar a utilização dos combustíveis fósseis pelo álcool não resolverá a questão do aquecimento da terra. Segundo Bacoccina, 2007: “Mas o Independent observa que um crescente número de economistas, cientistas e ambientalistas vêm alertando para os problemas que o crescimento acelerado na produção de etanol pode provocar.”

A perspectiva de um aumento súbito na demanda por etanol está provocando preocupações sérias até mesmo no Brasil”, diz o jornal. “A indústria do etanol tem sido ligada à poluição do ar e da água em escala épica, além do desmatamento tanto na Amazônia como nas florestas tropicais atlânticas e à destruição do cerrado brasileiro.

(BACOCINA, 2007)

É sabido, de acordo com a Toledo, 2007 que o desmatamento de florestas para o cultivo de matérias primas para o etanol, como milho ou cana-de-açúcar, pode provocar ainda mais aquecimento do que combater as mudanças climáticas, e que o aumento nos preços dos alimentos provocado pela demanda por terra ameaça a população mais pobre.

3.4 A VIOLÊNCIA E A SOCIEDADE MODERNA

A felicidade ótica do progresso iluminista não deve ter previsto tantos desfechos negativos. Não puderam prever quanta irracionalidade haveria no uso dos fatores de produção oriundos do meio ambiente, e no quão “dura” a natureza poderia se tornar no auge do esgotamento de seus recursos.

Aliado a todos os problemas citados, a felicidade dos seres humanos está paralisada diante de tantos problemas que só poderão ser resolvidos num longo prazo. Esse é um tempo de espera, de aguardo. Será mesmo necessário esperar décadas pra vislumbrar algum tipo de resultado de políticas que priorizem o desenvolvimento sustentável?

No mesmo vão da situação que o país encontra-se atualmente, a violência está sendo apontada como a mais alarmante de todos os tempos no Brasil.

O Brasil é considerado um dos países mais violentos do mundo. O índice de assaltos, seqüestros, extermínios, violência doméstica e contra a mulher é super alto e contribui para tal consideração. Suas causas são sempre as mesmas: miséria, pobreza, má distribuição de renda, desemprego e desejo de vingança.

(BERTONHA, 2007)

A violência vem sendo tratada no Brasil como algo a parte. Como um problema que é passageiro e pode ser resolvido com o contingente de policias. Sabe-se, no entanto, que a escalada da violência é ascendente e os noticiários de TV não deixam duvidas. De acordo com Torres, 2000 em palestra do então ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, o General Alberto Cardoso, “A situação da violência no Brasil é tão grave que será muito difícil revertê-la ou mantê-la sob controle. Estamos chegando próximo de um ponto de não-retorno. Ou se ataca com vontade problemas como o das injustiças sociais ou se chegará a um ponto em que é melhor desistir”. Isso foi dito a sete anos atrás. Hoje assistisse todos os dias a cenas chocantes não apenas pelas lentes dos meios de comunicação, a violência chegou as ruas. Ainda segundo Torres, 2000, na ocasião o General afirmou que "O consumismo é a doutrina que se procura seguir. Nem sempre pode ser atingida essa expectativa de consumo. Busca-se o caminho mais fácil, o do crime. Mata-se com a maior tranqüilidade. Como se estivesse afastando o obstáculo em uma caminhada”.

O que gera a violência no Brasil é a própria estrutura da sociedade, cuja desigualdade é escandalosa. Evidentemente, 99% dos pobres são honestos cidadãos e estes formam, aliás, a maioria das vítimas. Mas, com tantos excluídos, o contingente de recrutáveis para o crime é quase inesgotável. Até

alguma mudança aparecer nesse campo, podemos convocar milhões de policiais e matar mil bandidos por dia, mas sempre irão aparecer outros para substituí-los. Portanto, amenizar o problema da violência no Brasil é mudar os parâmetros centrais da nossa vida social.
(BERTONHA, 2002)

Entende-se ser a violência fator predominantemente social, onde num emaranhado de valores, religiosos, culturais, sociais, filosóficos, jurídicos em que uma nação está inserida, pensar o problema da violência com olhos imediatos é deixar a equação incompleta e fadar qualquer iniciativa ao fracasso.

De acordo com Bertonha, 2002:

No entanto, não devemos nos limitar a esperar por mudanças sociais a longo prazo. Não compartilho das idéias da esquerda de que violência é apenas um problema social. Com certeza, este é a base do problema. Mas uma polícia corrupta e despreparada o amplifica de uma forma assustadora e reformar a polícia, imediatamente, é essencial para amenizar a crise atual. Nesse ponto, talvez o modelo americano seja de alguma utilidade. Unificação das polícias, controle comunitário da mesma, maiores recursos para salários e equipamentos, um serviço de inteligência capaz de otimizar o uso da tropa e, quando necessário, a força bruta. Tudo isso é necessário, especialmente para combater o crime organizado, que potencializa a violência a níveis alarmantes. O problema é saber se nossas elites vão aceitar sustentar isso quando fica mais fácil blindar carros e contratar seguranças. Mas, sem pensar em políticas que melhorem a condição dos excluídos e aumentem a eficiência da polícia, pouco avançaremos. Segurança pública pode não ser exclusivamente caso de polícia, mas com certeza a capacidade repressiva do Estado não pode ser negligenciada na sua manutenção.

A violência no Brasil possui uma multiplicidade de causas e conseqüências que realmente possibilitam muitas vias para ataque do problema, contudo, sendo múltiplo o problema,, múltipla teriam de ser suas vias de ataque. O problema da violência no Brasil gera um ciclo vicioso “Condição econômica do país -> Desigualdade social -> Crimes -> Violência -> Polícia ineficiente (condição econômica do país).” (SILVA, 2007)

Precisa-se de uma consciência de grupo, uma coletividade que pouco se viu na história. Ações concretas por parte das autoridades, investimentos em combate a pobreza, em educação, projetos sociais de inclusão, investimento pesado no equipo das policias, tecnologia de informação, sistemas de comunicação mais eficientes, inteligência criminal, isso somente para citar algumas das áreas nas quais precisa-se atuar, destarte, uma gradativa melhoria nos sistemas jurídicos que hoje encontram-se obsoletos, lentos e corruptos. (SILVA, 2007)

Ao falar em policiais que são mal preparados, com baixos salários e condições de trabalho inferiores a sua qualificação, cita-se Cabral, 2007:

A repressão usada pela polícia para combatê-la gera conflitos e insegurança na população que nutrida pela corrupção das autoridades não sabem em quem confiar e decide se defender a próprio punho perdendo seu referencial de segurança e sua expectativa de vida.

Causas da violência conhecidas, medidas para erradicá-la inviabilizadas. Sabe-se, por exemplo, que “O Brasil é uma das sociedades mais desiguais do mundo. Independentemente da maneira como se conceitue, defina ou meça a desigualdade, ela aparece como fenômeno que sinaliza um padrão de distribuição de recursos extremamente injusto.”(UFRJ, 2007)

Tomando como medida de desigualdade a razão entre a renda média dos 10% mais ricos e a renda média dos 40% mais pobres, observa-se que no caso brasileiro essa razão se aproxima de 30, enquanto entre 55 países para os quais a informação está disponível esse número é inferior à 8 na maioria desses, e em menos da metade dos casos (19 países) a razão é maior que 10. Estima-se que 7% das crianças no Brasil padecem de subnutrição, enquanto a produção nacional de grãos seria suficiente para alimentar uma vez e meia a população total. No mesmo sentido, avaliações sobre a quantidade de recursos necessários para a erradicação da pobreza indicam que, supondo-se perfeitamente identificados os pobres, seria necessário apenas cerca de 5% da renda nacional para a completa eliminação da pobreza no país.
(UFRJ, 2007)

3.5 A CORRUPÇÃO E A CRISE DAS INSTITUIÇÕES

O País está vivendo momentos de grandes turbulências. Em destaque temas da modernidade que, sem sombra de dúvidas, deveriam estar longe das manchetes. Longe do ideal de sociedade. Encontram-se no meio de todas essas questões uma em especial. A corrupção impede o desenvolvimento, o crescimento e a crença nos valores morais do ser humano.

O Estado hoje, funcionando como provedor e gerenciador do crescimento traz a impressão de que não se pode mais acreditar nas instituições políticas. A política, instrumento idôneo da democracia representativa está abalada por inúmeros escândalos de ordem nacional, necessitando assim de ser tratada, com melhores instrumentos de controle e gestão estatais.

A partir da redefinição do seu papel, o Estado deixa de ser o responsável direto pelo desenvolvimento econômico e social pela via da produção de bens e serviços, para se adequar a uma nova função de “*Estado gerencial*”.

Assim, reforma do Estado priorizou a transferência para o setor privado das atividades que podem ser controladas pelo mercado. Através da liberalização comercial, esse mesmo mercado passa a ter mais liberdade de ação, com o abandono da estratégia protecionista de substituição das importações. Para BRESSER PEREIRA (2001:30), o Estado gerencial vai “além de criar agências reguladoras: é também o Estado democrático e eficiente que financia a fundo perdido os serviços sociais e a pesquisa científica e age como capacitador (*enabler*) da competitividade das empresas privadas”. (PEREIRA, 2004)

Num Estado como descrito acima, a transparência é peça fundamental no aparelhamento e na criação de uma democracia com instituições políticas fortes que demonstrem a confiança no estado, na legitimidade dos governos e na ética e moral pública.

O que então pode explicar tanta corrupção em um país como o Brasil? Por acaso tem-se predisposto nos genes brasileiros, descendentes de “famigerados” portugueses o “vírus” da corrupção? Suspeita-se que talvez não seja essa a explicação. Como afirma KANITZ (1999) “Nosso país não é nem mais nem menos corrupto. O cerne da questão estaria na falta de fiscalização efetiva. Somos um país que não possui um sistema eficaz de controle interno e externo. Necessitamos formar e treinar fiscais e auditores o bastante para manter um sistema de controle que procure não permitir que a corrupção se forme”.

Entende-se ser o fortalecimento do estado e sua modernização, uma boa base para o fortalecimento e estruturação de uma democracia. Como afirma:

Pode-se afirmar que o Estado continua sendo um instrumento indispensável para a promoção do desenvolvimento econômico, social e político. As idéias da reforma do Estado na América Latina (CLAD, 1998), e de maneira especial no Brasil, tem como foco os aspectos que envolvem a questão do fortalecimento da democracia, da retomada do desenvolvimento econômico e a redução das desigualdades na região. Sem embargo, o processo de reforma do Estado - com a redefinição de suas relações com a sociedade - é um processo eminentemente político, por meio do qual se estão recompondo as relações de poder nas sociedades da América Latina. (PEREIRA, 2004)

Nesses termos o novo estado passa a ter o papel de estado gerenciador, com a criação de agências reguladoras; com a promoção de justiça social, de pesquisa científica e capacitação das empresas do setor privado.

A questão da transparência passa a ter um lugar de destaque, visto que a corrupção apresenta-se como um fenômeno que enfraquece a democracia, a confiança no Estado, a legitimidade dos governos e a moral pública. No caso brasileiro é perceptível que a corrupção é um problema grave e estrutural da sociedade e do sistema político do país. (PEREIRA, 2004)

São necessariamente duas óticas a serem observadas. Correntes encontram na falta de controle jurídico, de processos, auditorias, enfim, no combate ao nascedouro da corrupção como o desastre nacional, outros apontam a falta de punição para os desertores como a grande motivação para que corruptos se reproduzam no cativo da cidade satélite. Como aponta Diniz, 2005: “A corrupção não é brasileira, mas sim universal. O que temos é a falta de punição adequada para coagir tais atos e preveni-los”.

Neste último capítulo foram apresentados os desafios para a economia moderna. A realização dos indivíduos depende diretamente do enfrentamento por parte de todos dessas questões. Desses desafios. A felicidade material está ameaçada pela simples necessidade de sobrevivência ante ao crime, ao alerta climático, a corrupção e as grandes tormentas, fruto do ímpeto humano, e da falência da ética e da moral, tão disseminadas em tempos passados.

4. CONCLUSÃO

Tratou-se nessas linhas que se passaram do tema Felicidade. Felicidade como busca histórica dos homens, desde a filosofia passando pela religião e mais tarde com as ciências. Praticamente em todas as áreas do conhecimento humano seus estudos parecem apontar a busca intrínseca aos seres por realização.

No objetivo de analisar a relação da felicidade dos indivíduos com o desenvolvimento econômico, perpassou-se por diversos aspectos. Um caminho que necessariamente precisaria ser percorrido quando do ideal de traçar limites da riqueza para a promoção do bem-estar dos seres humanos.

Historicamente a própria ciência econômica, em sua instituição trata de como podemos administrar recursos escassos diante de tantos desejos, ilimitados desejos humanos. Desde as grandes navegações quando ficou mais aparente o ideal do homem em ligar a felicidade com a posse de bens, o homem desdobra-se em seus próprios caminhos na busca da felicidade material. A onda iluminista que trouxe ao mundo feudal a ciência e a realização material do homem com a revolução do pensamento e da indústria, veio no seio da revolução francesa aparelhada com ideal de liberdade burguês.

Na história, na teoria econômica, na mídia enfim, no mundo, a felicidade é uma busca real, estudada, interpretada e alinhavada pelo desejo de realização e posse.

Tratou-se da felicidade por suas inúmeras facetas. Por suas incontáveis óticas. E buscou-se traçar assim um mapa, com a ajuda da teoria moderna, de suas ligações com a renda, com fenômenos econômicos como o desemprego, o subdesenvolvimento, a expectativa de vida, enfim, entende-se ter proporcionado ao estudante e interessados uma fonte consistente de pesquisa sobre um tema tão geral e tão paradoxal em suas entrelinhas.

Concluiu-se ser a felicidade não um destino a ser alcançado. Felicidade seria então a expectativa de obtê-la. Consistente deve ser o caminho, o trajeto escolhido na eterna busca. Sendo assim, a economia está intimamente ligada a essa busca, governos, sistemas de crédito, confiança no futuro previdenciário, são fatores observados durante toda a explanação. Fatores esses entendidos como essenciais na busca da felicidade. Viver em um país mais próspero,

com justiça social, com saneamento básico, com sistemas de ensino e de segurança eficazes e consistentes é apenas o primeiro passo rumo a uma realização mais plena.

Sabe-se que existe um grande paradoxo quando se estuda a realização humana e por isso mesmo a questão é tão polêmica. Nos países mais desenvolvidos, questões como saneamento básico, educação, saúde, empregos, não tem refletido em índices de felicidade mais elevados que nos países em desenvolvimento onde a escassez de saneamento e empregos é grande. Por isso entende-se que a felicidade é então resultado da união de fatores, de como se vive, de quais prioridades, cultura e desejos.

A felicidade hoje passou por um processo de descoberta do próprio ser humano, quando de suas filosofias, de seus achados, de suas transformações econômicas ao longo da história. Da felicidade religiosa, cultural, da idade antiga medieval, até a felicidade consumista dos tempos modernos, herdada em sua grande monta da práxis iluminista.

O trabalho não tem, como frisado anteriormente, a pretensão de esgotar o tema. Mesmo tendo chegado a importantes conclusões, sabe-se da necessidade, no futuro próximo, de mais pesquisas no âmbito deste tema com vistas a enriquecer o diálogo e fortalecer o tema nos círculos acadêmicos, para que gerem na prática seus efeitos.

Dificuldades na obtenção de trabalhos empíricos no Brasil serviram também de obstáculos na consecução de diversos argumentos, porém, entende-se ser de suma importância avançar num tema que aparece como opção teórica para enriquecer a ciência econômica, que necessita sempre de abertura para o estudo de temas de interesse coletivo e social direto.

Enfim, entende-se que o mundo vive mais uma vez por grandes transformações, onde os parâmetros redesenham-se, e daqui a algum tempo se poderá então apreciar com mais clareza o que fará o homem mais feliz ao longo do século, com seus próprios problemas, e espera-se, também, com suas próprias soluções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1970.

ADONTOSITES, Dinheiro e felicidade: será que existe relação? Disponível em: <http://www.odontosites.com.br/seudinheiro/dinheiroefelicidade.htm> Acesso em 16/06/2006.

AMADEO, Edward J. *John Maynard Keynes: Cinquenta anos de Teoria Geral*. 2 ed. Rio de Janeiro, IPEA, 1992.

BACOCINA, Denize, *Brasil precisará de 'décadas' para se adaptar a aquecimento, diz secretário*, Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070410meioambientesecretariod b.shtml>, acesso em 12/04/2007

BASTTER.COM, Aprendizado: *Entenda Economia*; Disponível em: http://www.bastter.com.br/BR/MERCADO/Aprendizado/Economia/Hist%F3ria_da_Economi a.aspx Acesso em: 26/02/2007

BARBOSA, Junio Alves Braga, Do princípio da Utilidade, 13/03/2005, Disponível em <http://www.direitonet.com.br/artigos/x/19/38/1938/>, acesso em 02/05/2007.

BEHRENS, Roger, *Prática Emancipatória e Teoria Crítica da Felicidade*. Disponível em <http://obeco.planetaclix.pt/rbehrens.htm>. Revista Eletrônica EXIT, Acesso em 25/05/2006.

BERTONHA, João Fábio, *A violência e o American way of life. Modelo para o Brasil?* Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bertonha.htm>, acesso em 16/04/2007.

BIZZOTTO, Márcia, *ONU prevê secas e falta de água para mais de 1 bilhão*, Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070406_relatorioipccml.shtml, acesso em 12/04/07

BLACK, *Mapa mostra escassez de água pelo mundo*, Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/08/060821_faltaaguarelatoriofn.shtml, Acesso em 15/06/2007.

BRASIL, Ambiente, Acidentes com a Fauna, Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=energia/petroleo/index.html&contedo=energia/petroleo/animais.html>, acesso em 10/04/2007

BRITISH BROADCASTING CORPORATION, *Painel sobre mudanças climáticas culpa ação do homem*, Disponível em <http://oglobo.globo.com/ciencia/mat/2007/02/02/289405332.asp>, acesso em 02/04/2007.

CABRAL, Gabriela, *A violência no Brasil*, Disponível em <http://www.brasilecola.com/sociologia/violencia-no-brasil.htm>, acesso em 16/04/2007.

CAPELA.ORG, *As bem Aventuras*. Disponível em: <http://www.capela.org.br/Catecismo/bemaventura.htm> . Acesso em 23/05/2006

CATECISMO CATÓLICO, "Eu creio", *Ajuda a igreja que sofre*. Kirche in Not, 1999. © Editorial Verbo Divino, 1999.

COBRA, Rubem Queiroz, *Temas de Filosofia*. Disponível em: <http://www.cobra.pages.nom.br>, Brasília, 2001, Acesso em: 23/05/2006.

CORBI, Raphael Bottura & MENEZES, Naércio Aquino Filho, 2004. "*Os Determinantes Empíricos Da Felicidade No Brasil*," *Anais do XXXII Encontro Nacional de Economia [Proceedings of the 32th Brazilian Economics Meeting]* 152, ANPEC - Associação Nacional do Centros de Pos-graduação em Economia [Brazilian Association of Graduate Programs in Economics].

DELFAUD, Pierre. *Keynes e o keynesianismo: uma exposição da teoria que revolucionou a economia do nosso século*. Curitiba: Europa-América, 1977.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA ROMANA, Disponível em <http://dicionario-de-mitologia-grega-e-romana.portalmidis.com.br> acesso em 23/05/2007.

DINIZ, Leandro, *Corrupção no Brasil*, Publicado no Recanto das Letras em 03/11/2005, Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/redacoes/66866>, acesso em 01/05/2007.

DUCLÓS, Miguel. Santo Agostinho: *A Verdade e a Felicidade residem em Deus*. Disponível em: <http://www.consciencia.org/medieval/agostinho2.shtml>. Acesso em 23/05/2006.

ECONOMIABR.NET, *As contradições do Sistema Capitalista*, Disponível em http://www.economiabr.net/economia/1_hpe7.html, acesso em 16/04/2007.

ENCARNAÇÃO, *Políticas falhas impedem o acesso a água, diz ONU*, Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/03/060309_aguams.shtml, acesso em 09/04/2007.

FREY and STUTZER, *What Can Economists Learn From Happiness Research?*, *Forthcoming in Journal of Economic Literature*, final version dated 7 January 2002.

GAZZONI, *Escassez de água é problema global, diz WWF*, Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/08/060816_aguadesenvolvidospu.shtml, Acesso em 20/12/2006.

GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade, diálogos sobre o bem estar na civilização*, São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2002

GOLDEMBERG, *Agricultura é a maior ameaça as reservas de água*, Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/03/060321_aguafazendasmb.shtml, Acesso em 20/06/2006.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *A Felicidade não é deste mundo*, Disponível em: <http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo074.htm>. Acesso em 23/05/2006

IORIO, Ubiratan Jorge. A Economia política do Déficit Público. Disponível em: <http://www.midiaseम्मascara.org>. acesso em 29 de Setembro de 2004.

KANITZ, Stephem, *A Origem da Corrupção*, Publicado na Revista Veja, edição 1600, ano 32, nº 22, de 2 de junho de 1999, página 21, Disponível em <http://www.kanitz.com.br/veja/corruptao.asp>, acesso em 29/04/2007.

KINVER, Brasil está em 8º no ranking sobre mudanças climáticas http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/11/061113_naiobiranking_pc_cg.shtml acesso em 07/06/2007.

MARTINS, Luiz et al. *Manual de Macroeconomia*, 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MYNOTT, 'Escravos' sustentam 'boom' do etanol no Brasil, diz 'The Guardian', Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/03/070309_guardianetanoloscravosrw.shtml acesso em 16/04/2007.

OLIVEIRA, Nilson Vieira, *Tanta Tecnologia e Economia pra só isso de Felicidade*. Disponível em <HTTP://www.braudel.org.br/novo/eventos/2001/introd.htm> acesso em 03/01/2007

PASINETTI, Luigi, ECONOMICS and HAPPINESS, Università Cattolica S.C., Milano, An International Conference, Milan, 21-22-23 March 2003

PEREIRA, José Matias, *Reforma do Estado, Transparência e Democracia no Brasil*, Revista acadêmica de economia, ISSN 1696-8352. Número 26, 10 de junho de 2004

PESQUISA, sua. Aquecimento Global: *Entenda o Aquecimento Global, Efeito Estufa, conseqüências, aumento da temperatura mundial, degelo das calotas polares, gases poluentes, Protocolo de Kyoto, furacões, ciclones, desertos, clima*. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/geografia/aquecimento_global.htm, acesso em 03/04/2007.

PETRÓLEO, Geologia, *Estudo sobre a origem do petróleo*, Disponível em: <http://br.geocities.com/geologiadopetroleo/nat1.htm>, acesso em 10/04/2007.

PRESCIVALLE, Odair. *Índice de Felicidade: Um indicador para avaliar o bem-estar de uma população*, Disponível em www.prattein.com.br/prattein/texto.asp?id=109. Acesso em 01/04/2005.

SILVA, José Vicente da, A Violência no Brasil, Disponível em <http://www.inf.ufes.br/~fvarejao/cs/Violencia.htm>, acesso em 16/04/2007.

TERRA, Portal, *O Iluminismo*. Disponível em <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/iluminismo.htm> acesso em 30/05/2006.

TOLEDO, Amazônia pode ficar 10% mais quente em 2070, Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/01/070119_climabbc_pu.shtml acesso em 10/06/2007.

TORRES, Sergio, *Violência no Brasil pode sair do controle, diz general Alberto Cardoso*, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u7849.shtml>, acesso em 16/04/2007.

UFRJ, NIED, Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade, *Desigualdades no Brasil: determinantes, consequências e políticas de combate*, Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/csociais/nied/sumario.html>, acesso em 16/04/2007.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. *Economia: Micro e Macro*. 2ed, São Paulo. Ed. Atlas, 2001

VECÁRIA, MANSUR, *Aquecimento pode aumentar preços dos alimentos*, <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI1737381-EI8278,00.html> Acesso em 20/06/2007.

WRIGHT, Robert, *A globalização vai te fazer feliz?* Disponível em <http://www.braudel.org.br/eventos/conferencias/2001/art2.htm>, acesso em 03/01/2007

WATANABE, Roberto Massaru, *Quais as Fontes de Energia*, Disponível em <http://www.ebanataw.com.br/roberto/energia/ener6.htm>, acesso em 10/04/2007.